



A LÓGICA DE SOMAR

Investimentos e negócios
de impacto vêm aliar
lucro e propósito

Sir Ronald Cohen

Como trazer o grande
capital para este jogo

Política pública

A articulação que deu origem
a uma estratégia nacional

Da base para a base

O empreendedorismo negro
e de periferia se multiplica



Alex Seibel

Alexandre Lafer Frankel

Alexandre Borges

Álvaro Coelho da Fonseca

Ana Helena Vicintin

Andrea Oliveira

Andrea Masagão Moufarrege

Antonio Ermírio de Moraes Neto

Bernardo dos Guimarães Bonjean

Carlos Alberto Mansur

Catarina Teixeira Pires Oliveira Dias

Cristiano Ribeiro do Valle

Dario Guarita Neto

Eduardo Faria de Carvalho

Elisa Camargo de Arruda Botelho Condé

Gilberto Andrade Faria Junior

Guilherme Affonso Ferreira Filho

Guilherme Affonso Ferreira

Isabela Pascoal Becker

José Pires Oliveira Dias Neto

José Ermírio de Moraes Neto

José Roberto Ermírio de Moraes Filho

Karin Baumgart Srougi

Lara Lemann

Lucio de Castro Andrade Filho

Luiz Lara

Luiz Masagão Ribeiro

Luiza Scipilliti

Luiza Maria de Camargo Nascimento

Marcella Monteiro de Barros T. Coelho

Marcelo de Moraes Vicintin

Marcos Puglisi de Assumpção

Marcos Bessa Nisti

Ney Castro Alves

Paula Senna Lalli

Paulo Antonio Skaf Filho

Pedro Wickbold

Renata de Camargo Nascimento

Renato Ribeiro do Valle

Ricardo Politi

Ricardo Glass

Roberto Castro de Andrade

Roberto Pereira de Almeida Filho

Rolf Roberto Baumgart

Rosana Camargo de Arruda Botelho

Rubens Ometto Silveira Mello

Tatiana Loureiro

Thiago Brunetti Figueiredo

Thiciana Zaher

Tito Enrique da Silva Neto

Victor Castello Branco

Vitor Galvani

Walter Gebara



leuTaraTBWA

ICE. 20 ANOS DE INOVAÇÃO SOCIAL CÔM CIDADANIA EMPRESARIAL.

Desde 1999, o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) reúne empresários e investidores em torno de inovações sociais que possam contribuir para a redução da pobreza e a inclusão social no país. Hoje trabalhamos com a agenda dos Investimentos e Negócios de Impacto, impulsionando um ecossistema de empreendedores, investidores, governos, professores e aceleradores comprometidos com a busca por soluções para problemas sociais e ambientais.

Pela inestimável contribuição de nossos associados, muito obrigado!

A (r)evolução do **impacto**

O **sistema econômico** em que vivemos produziu extraordinários benefícios para a humanidade, como riqueza e bens de consumo, cultura, conhecimento, avanço tecnológico e um aumento formidável no bem-estar e na expectativa de vida. Mas ainda não foi capaz de lidar com externalidades negativas, como desigualdade de oportunidades, injustiça social e prejuízos sem precedentes ao meio ambiente.

Para que o desenvolvimento se torne sustentável, um novo paradigma se faz necessário. Não será mais possível empreender e investir olhando apenas para risco e retorno. Será preciso adicionar nova camada – a do impacto –, ou seja, levar em conta também os impactos sociais e ambientais de determinada atividade. E, com isso, expandir os efeitos positivos enquanto se reduz os negativos.

O mundo já dispõe de recursos para implementar essa agenda. Basta comparar alguns números. Para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até 2030, são estimados US\$ 67 trilhões. Parece muito, mas bem menos que os US\$ 300 trilhões que giram por ano em ativos de especulação. A chave, portanto, está em direcionar fluxos para investimentos e negócios de impacto social e ambiental.

Mas como girar essa chave? Aumentar a percepção da sociedade sobre a relevância do tema é um primeiro passo. A comunicação e o engajamento de novos atores são fundamentais. Este Projeto Especial da PÁGINA22, realizado em inestimável parceria com o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), é uma contribuição nesse sentido.

A edição traz debates de como avançar na agenda de impacto, por exemplo, por meio de um macroambiente favorável para esses investimentos e negócios, além de ferramentas e oferta de produtos que atraiam capitais de todo tamanho para os diversos públicos. Esse movimento ganhará mais força – e impacto – à medida que todos os atores se articulem, pois, diante de desafios sistêmicos dessa magnitude, precisaremos de todos juntos.

Boa leitura!

EDITORIAL

22

Página

JORNALISTAS FUNDADORAS
Amália Safatle e Flavia Pardini

EDITORIA Amália Safatle

REPORTAGENS
Amália Safatle, Magali Cabral e Sérgio Adeodato

EDIÇÃO DE ARTE José Roosevelt Junior
www.mediacts.com

ILUSTRAÇÃO E INFOGRAFIA José Roosevelt Junior

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA Flavia Sakai

REVISÃO Kátia Shimabukuro

GESTÃO DE PRODUÇÃO Jorge Novais

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Adriana Barbosa e Marcos Vinicius de Souza

AGRADECIMENTOS
À equipe do ICE

CONSELHO EDITORIAL
Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky,
José Eli da Veiga, Leeward Wang,
Pedro Telles, Roberto S. Waack, Rodolfo Guttilla

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)

APOIOS E PARCERIAS

Para informações sobre apoios
e parcerias em
Projetos Especiais,
contate Jorge Novais:
qslbrasil.jorge@gmail.com

IMPRESSÃO: Eskenazi Indústria Gráfica

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 1.000 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados
por colaboradores expressam a visão de seus autores,
não representando, necessariamente,
o ponto de vista de **PÁGINA22**.

www.pagina22.com.br



A REVISTA **PÁGINA22** FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORRESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC, DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, ECONÔMICOS, E DE OUTRAS FONTES CONTROLADAS.

 **creative commons**
A REVISTA PÁGINA22 ADERIU À LICENÇA
CREATIVE COMMONS. ASSIM, É LIVRE
A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO – EXCETO
IMAGENS – DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.

Novas narrativas para novos modelos mentais

Há 20 anos, o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) trabalha para engajar o empresariado em uma agenda de inovação social que contribua para a redução da pobreza e a inclusão social no País. O aprendizado acumulado durante pouco mais de uma década, com iniciativas de fortalecimento da gestão de Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e com projetos de desenvolvimento comunitário e local, levou-nos em 2012 à constatação de que os recursos para apoiar inovação no campo social – em geral oriundos de filantropia, Investimento Social Privado e governo – eram insuficientes para gerar o impacto pretendido.

Como resposta, comprometemo-nos com o vibrante ecossistema dos Investimentos e Negócios de Impacto. Hoje, por meio de nossos programas e iniciativas, almejamos contribuir para um ecossistema favorável à criação de modelos de negócios que incidam sobre problemas sociais e ambientais. Também buscamos atrair novos fluxos e fontes de capital (humano, técnico e financeiro) para fomentá-los, de forma complementar aos que já estão disponíveis. Até aqui temos dialogado e colaborado diretamente com empreendedores sociais, OSCs, empresas, incubadoras e aceleradoras, investidores e pensadores dentro e fora da Academia.

Mudar a forma como resolvemos problemas sociais, transformando a forma de fazer negócios, e atrair todos os tipos de investidores exige novos modelos mentais e requer a participação de toda a sociedade. A parceria do ICE com a PÁGINA22 neste Projeto Especial busca informar e ampliar o conhecimento sobre o campo dos Investimentos e Negócios de Impacto. Precisamos multiplicar narrativas e atrair diferentes atores para escrever a história de um tempo em que será obrigatório impacto socioambiental positivo e lucro estarem juntos e integrados.

Associados e equipe, ICE



CAPA

Mais atores em campo

Os investimentos e negócios de impacto germinam no Brasil, representando um elo adicional na corrente pela redução das desigualdades. Apesar de obstáculos e zonas cinzentas, o movimento cresce com a expectativa de atrair novos fluxos de capital para financiar inovações que respondam a problemas socioambientais sistêmicos

- 6 Entrevista** Mudar a lógica do sistema - pela qual empresas ignoram as consequências de orientar sua atuação em torno do retorno e do risco - para outra, na qual investidores, negócios e governos considerem retorno, risco e impacto para melhorar a vida das pessoas e o ambiente: esta é a Revolução de Impacto proposta por Sir Ronald Cohen
- 18 Mapeamento** Atores diagnosticam gargalos e identificam alavancas para expandir esse ecossistema. Trabalhar de uma forma mais estruturada é o grande desafio que se apresenta
- 24 Negócios de impacto** O mundo corporativo e do capital, que antes evitava relacionar a busca pelo lucro a causas sociais e ambientais, começa a transformar sua visão
- 30 Investimentos de impacto** Como diversificar as fontes de financiamento? Novas modalidades se expandem no ritmo das demandas por mudanças socioambientais

SEÇÕES

CAPA: JOSÉ ROOSEVELT JR.

4	Projeto	Especial	23	Artigo	I	33	Artigo	II	34	Mão	na	Massa
---	---------	----------	----	--------	---	----	--------	----	----	-----	----	-------



Uma revolução nada silenciosa

Mudar a lógica do sistema - pela qual empresas ignoram as consequências de orientar sua atuação em torno do retorno e do risco - para outra, na qual investidores, negócios e governos considerem retorno, risco e impacto para melhorar a vida das pessoas e o ambiente: esta é a Revolução de Impacto proposta pelo investidor e inovador social **Sir Ronald Cohen**. A seu ver, trata-se de um novo modelo mental capaz de provocar uma transformação disruptiva no capitalismo, cada vez mais necessária, uma vez que os governos e a filantropia não conseguem lidar sozinhos com a escala das desigualdades sociais e dos problemas ambientais. “Os governos precisam trazer o capital privado para dentro do jogo, pois não conseguem gerar mais impostos para lidar com os problemas, e nem possuem o tipo de inovação e o empreendedorismo necessários para encontrar as soluções”, diz.

Nesta entrevista à PÁGINA22, Cohen traça uma linha histórica, mostrando como os investidores passaram a considerar risco, retorno e, mais recentemente, impacto. Hoje ele vê o movimento como irreversível. Já existem globalmente, de acordo com pesquisa realizada pela Global Sustainable Investment Review em 2016, US\$ 22 trilhões direcionados para investimentos pautados por critérios ambientais, sociais e de governança das empresas. Esse valor representa 25% de todos os recursos sob gestão profissional. Um dos desafios do momento, em sua avaliação, é trazer grandes investidores para esse campo. Nesse sentido, Cohen sugere que seguradoras e gestores de fundos de pensão e de grandes fortunas criem *pools*, por meio dos quais possam investir em fundos menores, focados em impacto socioambiental.

Para ele, o ponto de virada neste campo ocorrerá quando houver um modelo de mensuração de impacto robusto e reconhecido pelo mercado, como os modelos de mensuração de risco. Para fazer frente a esse desafio, Cohen e sua equipe, em colaboração com a Universidade de Harvard e especialistas de todo mundo, estão trabalhando para chegar a 2020 com uma proposta de modelo de mensuração que defina princípios gerais para a contabilidade de impacto.

Sir Ronald Cohen preside o Global Steering Group for Impact Investment (GSG) e The Portland Trust. É cofundador do Bridges Fund Management e do Big Society Capital. Em sua obra *On Impact – A guide for Impact Revolution*, apresenta-se como filantropo, *venture capitalist*, investidor em *private equity* e inovador social. Há duas décadas, reúne esforços para que o capital privado promova benefícios sociais e ambientais. Nascido no Egito, deixou a terra natal como refugiado aos 11 anos, passando a residir no Reino Unido.



Otimizar a equação risco-retorno-impacto permite ganhos maiores do que maximizar só o lucro

O subtítulo do livro de sua autoria é *Um Guia para a Revolução do Impacto*. O que torna o investimento de impacto revolucionário? Qual é o propósito dessa revolução?

O propósito dessa revolução é migrar de um sistema no qual as empresas ignoram as consequências de orientar sua atuação em torno do retorno e do risco para outro, no qual os negócios conseguem ajudar os governos a melhorar a vida das pessoas e o planeta.

Do ponto de vista histórico, tivemos, primeiramente, um capitalismo no qual os governos tentavam controlar o comércio externo. Depois, vivemos um período *laissez-faire*, em que os governos saíram de cena. Em seguida, veio a época do *keynesianismo*, com o gerenciamento das economias, em que se buscou manejar as políticas monetárias para regular o nível de desemprego. Depois passamos para o neoliberalismo, quando as pessoas disseram novamente que “o propósito dos negócios é fazer dinheiro”.

Com o modelo risco-retorno-impacto, temos uma mudança histórica, na direção do que chamamos de mercados gerenciados. Muitos países não querem desistir do mercado, e sim tentar utilizá-lo a seu favor, o que representa uma grande mudança no modelo mental.

Que dados o senhor tem para mostrar o desenvolvimento desse mercado e para acreditar que essa é uma tendência irreversível?

As tendências são claras. Vemos as pessoas mais novas consumindo produtos de empresas com as quais compartilham valores, e deixando para trás as que possuem valores com os quais não concordam. Temos empresas surgindo com base nos novos desejos dos consumidores. Vemos a Tesla vendendo carros para consumidores que, além de possuir um veículo, querem evitar a poluição do meio ambiente. Um outro exemplo: hoje, no mundo, 1 a cada 4 dólares investidos em ativos financeiros considera critérios ambientais, sociais e de governança [ESG, na sigla em inglês] como fatores de decisão. Isso representa US\$ 22 trilhões.

O campo de investimento de impacto tem crescido mais rapidamente ou mais devagar do que o esperado?

Acredito que o campo tenha crescido mais rapidamente em termos do número de países, se olharmos, por exemplo, para os *Social Impact Bonds* [contratos de pagamento por resultados, geralmente firmados entre governo e investidores privados]. Não houve, talvez, um crescimento tão relevante no volume de recursos de fundos de investimentos focados em impacto social.

No entanto, agora vejo vários produtos novos, como o fundo Rise da gestora americana TPG, com ativos de US\$ 5 bilhões; o fundo Bain, já com US\$ 400 milhões e levantando outro fundo maior; o europeu Partners Group levantando US\$ 1,2 bilhão para um fundo de *private equity*. Há, portanto, uma expansão na oferta de produtos.

Quais são os gatilhos para que haja um ponto de virada?

O ponto de virada acontecerá quando o impacto for integrado à contabilidade financeira, quando os investidores tiverem a possibilidade de avaliar não apenas a lucratividade das empresas, mas também seu impacto, de forma simples. Isso começará a se acelerar nos próximos 10 anos e, até 2025, veremos um número considerável de empresas prestando contas dessa maneira. Essa é uma das áreas que o GSG [Global Steering Group for Impact Investment] está catalisando hoje, por meio de um projeto especial incubado na Harvard Business School. O objetivo é elaborar um modelo de mensuração de impacto – ao qual foi dado o nome de *impact weighted accounts* – que possa ser amplamente adotado pelas empresas e divulgado para a sociedade, tal qual, hoje, as empresas divulgam seus resultados econômico-financeiros.

Qual é o resultado esperado desse projeto?

Esperamos reunir mais de 150 iniciativas para mensurar impacto e calcular seu valor, e queremos entregar, dentro dos próximos 12 meses, um *framework* para definir os princípios gerais de impacto.

O campo enfrenta um desafio de comunicação?

Vivenciei desafios de comunicação na indústria de *private equity* e *venture capital*. As pessoas ainda têm dificuldade para entender que o investimento de impacto envolve a intenção de criar impacto e de medi-lo. Ainda associam impacto com filantropia, acreditam que significa perder dinheiro. Entendo que, ao otimizar a equação risco-retorno-impacto, é possível obter lucros maiores do que quando se busca apenas maximizar o lucro. Há uma melhoria no perfil de risco da empresa em relação à regulamentação, e abre-se o caminho para oportunidades de investimento para atender à enorme demanda latente a preços menores. A compreensão de que o investimento de impacto não é sinônimo de retornos mais baixos se dissipará à medida que pudermos comprová-la por meio de casos reais, como o da Tesla.

Se de um lado existe o desafio de mobilizar capital comprometido com impacto, de outro é preciso garantir bons negócios – e com capacidade de escala – para absorverem esses recursos. O senhor poderia falar sobre os desafios do fluxo de oportunidades de investimento?

Acredito que a oferta de capital cria sua própria demanda, pois o número de oportunidades de investimento depende do grau de facilidade para levantar recursos. Quando começamos a ver um aumento nos volumes disponíveis para investimento em fundos de *private equity* e *venture capital*, tivemos um crescimento do número de negócios em busca de financiamento. Pode-se dizer, portanto, que estamos no caminho e, se conseguirmos obter alocações de grandes investidores institucionais – como fundos de pensão – nos fundos de impacto, isso vai impulsionar as oportunidades de negócios a serem investidos. Para melhorar o fluxo, precisamos aumentar o volume de dinheiro levantado.

Um desafio que temos visto no Brasil é que há disponibilidade de capital para empresas mais maduras, enquanto muitos empreendedores enfrentam dificuldade para acessar capital em fases anteriores. Como essa demanda poderia ser mais bem atendida?

Veremos um número crescente de fundos, como o Bridges, do Reino Unido, e o Aavishkaar, da Índia, que oferecem *venture capital* para os empreendedores de impacto. Atualmente, a dificuldade está relacionada a instituições como os fundos de pensão que, por terem grande volume de recursos sob

gestão, querem apenas fazer investimentos altos. Portanto, precisamos de um novo modelo mental em que gestores de fundos de pensão, gestores de fundos de patrimônio e de seguradoras criem *pools* de inovação. Dentro dessas alocações, poderiam investir em fundos menores – que estão fazendo coisas novas e relevantes e prometem bons retornos.

Essa é uma questão importante para o movimento de impacto hoje. Passei essa mensagem recentemente em uma conferência sobre investimentos de fundos de pensão, que reuniu alguns dos maiores fundos dos Estados Unidos, da Austrália e do leste da Ásia, onde houve uma sessão sobre investimento de impacto. Enquanto enxergarem o impacto dentro do seu portfólio total, com investimento mínimo de US\$ 100 milhões por transação, nunca conseguirão apoiar esses novos fundos.

Como o senhor vê o movimento da *venture philanthropy* e qual é a conexão com o investimento de impacto?

Vejo os dois como aliados próximos, ambos guiados pelo desejo de criar impacto significativo e mensurável. A *venture philanthropy*, ao oferecer recursos retornáveis e não retornáveis [doações], contribui para criar fluxos de capital de dívida, permitindo a participação de diferentes classes de investidores, o que não seria possível sem esses recursos.

Portanto, a filantropia é muito importante no desenvolvimento de fluxos de capital para impacto. Isso vale no lado do investimento, em termos do chamado *blended finance*, mas também na criação de fundos de pagamento por resultados, juntando-se com organizações de assistência ou outros filantropos. Isso atrai fluxos de capital e traz, para as organizações prestadoras de serviços, transparência, *accountability*, recursos não carimbados e de longo prazo, além de foco nas metas. Dessa maneira, quando os filantropos se comprometem com os resultados, criamos uma dinâmica poderosa que atrai o dinheiro dos investidores e traz os fatores citados para os prestadores de serviço, permitindo que inovem e escalem suas atividades.

Para alguns países, como o Brasil, tem sido difícil criar instrumentos de pagamento por resultados [Social Impact Bonds]. O que o senhor aconselharia?

No caso do Brasil, as fundações dos grandes bancos têm um papel importante nesse assunto. Na minha última visita ao Brasil, em 2015, eu me reuni com representantes do Banco Itaú, e conversei



Diante de seus desafios socioambientais, o Brasil é muito importante para mostrar que investimento de impacto pode operar em grande escala

com eles sobre o potencial de se envolverem, por meio de sua fundação, com o pagamento por resultados na área de educação. Estamos estruturando fundos grandes em lugares como a África, a Índia e o Oriente Médio, onde as fundações, e não os governos, pagarão os investidores pelos resultados. As fundações dos bancos são um ativo estratégico muito grande para o Brasil, que poucos países possuem [a vinda ao Brasil deveu-se à conexão entre o GSG e a Aliança pelos Investimentos de Impacto, que é o National Advisory Board do grupo no País].

Quais países têm os resultados melhores e mais inspiradores em criar um ecossistema para investimento de impacto?

Hoje, diria que Reino Unido, Estados Unidos e, de certa maneira, Austrália, Japão, Coreia do Sul e França estão trabalhando em políticas públicas para fortalecer o ecossistema. Para mim, o Reino Unido está mais desenvolvido, pois foi o país pioneiro, onde os primeiros SIBs foram desenvolvidos, onde se criou a Big Society Capital como grande investidor, e onde o governo publicou na internet os custos de intervenções sociais.

Criar grandes fundos de investimento que podem ser protagonistas no desenvolvimento dos investimentos de impacto, e lançar uma entidade responsável por desenvolver o campo dentro do governo nacional, provavelmente são as políticas mais simples que os governos estão considerando fazer.

O Brasil lançou no final de 2017 uma estratégia nacional para investimento de impacto, a Enimpecto (mais em artigo à pág. 23). O governo é necessariamente um ator-chave para esse processo? Que papel deve exercer?

O governo é um ator-chave. Não queremos depender do governo para fazer tudo, mas o queremos como um parceiro. Com o aval do governo e com políticas para apoiar nossos esforços, podemos avan-

çar muito mais rápido. Espero que o governo brasileiro consiga enxergar o investimento de impacto como recursos que vêm do mercado de capitais privados, e não do orçamento público, mas que podem ajudar a atingir seus objetivos sociais e ambientais.

Quais são suas impressões sobre o avanço desse campo no Brasil? O país poderia dar dicas ou exemplos para outras nações?

O Brasil, diante de seu tamanho e diversidade dos desafios socioambientais que precisa atacar, é um lugar muito importante para demonstrar que investimento de impacto pode operar em grande escala. Países como Brasil e Índia têm um papel especial no mundo de impacto. O fato de se ter fundações ligadas a grandes bancos é uma grande vantagem, pois os bancos estão acostumados a utilizar as forças do mercado para realizar coisas e a desenvolver produtos financeiros inovadores para financiar novas atividades. Contar com a participação dos bancos seria um sinal importante para o resto do mundo. Espero que os esforços que temos feito no Brasil permitam que o País desempenhe um papel de liderança em implementar essas abordagens em grande escala com apoio dos filantropos.

O que podemos fazer para engajar melhor as grandes empresas, e quais as alternativas para esses atores se engajarem?

O primeiro passo é encorajar as grandes empresas a prestar contas sobre seu impacto e tentar mensurá-lo. Nem todas vão querer, obviamente. Algumas estão gerando impactos negativos e não desejam mostrar isso. Hoje elas conseguem, em geral, comunicar seus impactos positivos, mas sem medir os impactos negativos que também geram. Não espero que sejam atores muito ativos no campo enquanto não tivermos a mensuração transparente e confiável de impacto refletida na contabilidade financeira.

As empresas em geral conseguem comunicar seus impactos positivos, mas sem medir os impactos negativos que também geram

Hoje, mais de 70% das empresas fazem alguma referência em seus relatórios anuais aos impactos que criam, e encorajá-las a detalhar essas informações provavelmente seja a melhor coisa a ser feita no momento. Não acredito que as empresas mudarão seus produtos ou processos ambientais até que sintam a pressão dos clientes ou dos acionistas. Sendo bem-sucedidas hoje, não terão motivo para mudar o *status quo* do qual se beneficiam.

Há algumas empresas no Brasil, como a Natura, que aceitaram a filosofia e têm trabalhado para implementá-la em seu modelo de negócios. Mas, de modo geral, sensibilizar as empresas sobre o impacto, e ajudá-las a mensurá-lo e a prestar contas sobre seu impacto seria o caminho mais efetivo. Na França, empresas estão criando iniciativas próprias no campo de impacto, como a Danone, com a criação de um fundo de 500 milhões de euros para combater a degradação do solo. A Unilever, no Reino Unido, tem se esforçado para estimular a análise de impacto. Se conseguirmos com que mais empresas desempenhem esses papéis ou invistam em fundos de pagamento por resultados, por meio das suas áreas de responsabilidade socioambiental, isso seria ótimo. Mas os atores do ecossistema de impacto no Brasil sabem melhor do que eu se esse tipo de atuação seria viável no País.

Qual o potencial da tecnologia para trazer transformações no campo?

Já vemos muitos exemplos disso: empreendedores – alguns deles na América Latina – com soluções de base tecnológica para problemas da produção agrícola de pequenos produtores; áreas da saúde com serviços de diagnóstico remoto; tecnologias financeiras reduzindo o custo de fazer transferências para os países mais pobres. A tecnologia tornou-se central no desenvolvimento de qualquer modelo de negócio.

Como podemos garantir uma relação positiva entre os impactos sociais e ambientais e impedir que um aconteça a detrimento do outro?

Temos de mensurar sempre o saldo líquido, e não apenas o impacto positivo criado. O social e o ambiental geralmente caminham juntos. Por exemplo, no tema da migração, as questões ambientais podem levar ao deslocamento da população, o que pode causar problemas com a absorção dos imigrantes. Se trabalharmos no ambiental e também na absorção efetiva da imigração, ambos vão na mesma direção. Quando os dois se encontram em conflito, como acontece às vezes, precisamos de uma contabilidade apropriada, para que possamos avaliar se o saldo líquido do impacto é grande suficiente para aceitarmos o impacto negativo. Portanto, a contabilidade do impacto que tenho mencionado será uma ferramenta importante para a tomada de decisões consistentes nos negócios e nos investimentos.

Podemos dizer que a Revolução do Impacto causará uma ruptura no capitalismo?

Acredito que a Revolução do Impacto já esteja causando uma ruptura no capitalismo, e que vá acontecer mais por necessidade do que por escolha. Vai acontecer porque os governos não conseguem mais lidar com a escala e complexidade das desigualdades sociais e dos problemas ambientais. Eles precisam trazer o capital privado para dentro do jogo, pois não conseguem gerar mais impostos para lidar com os problemas, e nem possuem o tipo de inovação e o empreendedorismo necessários para encontrar as soluções. Portanto, acredito que o mundo chegará à conclusão de que isso é um novo modelo mental, uma nova fase do capitalismo. Não queremos abrir mão do poder dos mercados e do capital mas, ao mesmo tempo, não podemos continuar permitindo que as empresas gerem lucros sem se preocupar com as consequências. [vz](#)



SHANE ROUNCE/UNSPASH

Lucro e propósito, juntos em campo

Os negócios e investimentos de impacto germinam no Brasil, representando mais um elo na corrente pela redução das desigualdades

POR MAGALI CABRAL INFOGRÁFICOS JOSÉ ROOSEVELT JUNIOR

A desigualdade social e de renda no Brasil tem alcançado patamares capazes de enrubescer até o menos empático dos cidadãos. A nona maior economia do mundo (em 2016 era a sétima) é também uma das mais desiguais. Em seu último relatório, a organização não governamental Oxfam informa que a roda da redução da desigualdade no Brasil parou de girar: “A distribuição de renda estagnou e a pobreza voltou com força”¹. A trajetória que nos trouxe ao atual estágio de injustiça social está devidamente registrada, mas o caminho que vai tirar o País dessa enrascada ainda é difuso e mal pavimentado. A boa notícia é que se ramifica pelo mundo uma iniciativa nascida no Reino Unido, capaz de ajudar a construir uma realidade mais dignificante por aqui: são os chamados Investimentos e Negócios de Impacto Social e Ambiental.

Trata-se de um campo formado por modelos de negócios de qualquer formato jurídico, com missão e soluções voltadas para a resolução de problemas sociais e ambientais (mais em gráfico à pág. 17). Diferente das ONGs, os negócios de impacto não dependem de doações, embora possam recebê-las para dar início à prototipagem de produtos.

Segundo o coordenador do Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas (FGVcenn), Edgar Barki, muitos os denominam “empresas do Setor 2,5”, pois reúnem o propósito do Terceiro Setor, de promover mudanças socioambientais, com a ideia de eficiência de mercado e geração de receita das empresas tradicionais que compõem o Segundo Setor.

Essas são definições de um movimento ainda em fase de crescimento no País, com vários gargalos e zonas cinzentas, mas com grande potencial de promover uma transformação gradual da realidade brasileira, haja vista a entrada de novos fluxos de capital para financiar inovações sociais que respondam a problemas sistêmicos. Vários atores usam a *Carta de Princípios para Negócios de Impacto no Brasil* como referência para conceituar esse campo².

As experiências também não deixam men-

tir. Mesmo fora de São Paulo, muitos já devem ter ouvido falar no Jardim Ângela, um bairro de periferia na Zona Sul da cidade que, nos anos 1990, foi apontado pelas Nações Unidas como o local mais violento do mundo para se viver. De lá para cá, muitas intervenções ocorreram para mudar esse *status quo*, tanto de fora para dentro (políticas públicas e ações sociais), como de dentro para fora. Na última década, ações criativas locais de âmbito cultural, social e econômico passaram a aflorar, não só no Jardim Ângela, mas nas periferias das capitais brasileiras em geral. Nesse contexto, em 1999, nasceu A Banca (abanca.org.br), hoje um negócio social de impacto, cofundado pelo empreendedor Marcelo Costa, conhecido na quebrada como DJ Bola.

A Banca começou suas atividades na garagem da casa dos pais do DJ como um movimento juvenil de promoção da cultura *hip hop*. Depois de algumas reinvenções, passou por várias aceleradoras de negócios de impacto até se tornar uma produtora cultural de impacto social financeiramente sustentável. Além de atividades relacionadas à música, à cultura e a eventos de *hip hop*, e de uma recém-inaugurada aceleradora, A Banca desenvolve o projeto Vivência de Cultura Urbana, voltado aos alunos das escolas particulares dos ensinos Fundamental e Médio, localizadas em bairros centrais da cidade. A missão, segundo DJ Bola, “é romper, por meio da música, as barreiras sociais invisíveis que separam a sociedade”.

O ECOSISTEMA

A jornada de DJ Bola e tantos outros empreendedores, da periferia ou não, para transformar sonhos em negócios de impacto social rentáveis, em geral, não resulta de “voos solo”. Em algum momento de suas trajetórias, eles se deparam com um ecossistema composto por uma miríade de atores intermediários das mais variadas competências: pesquisadores, gestores públicos e do Terceiro Setor, incubadores, aceleradores, empresários, investidores. Cada um doa certa dose de energia, competência e recursos financeiros a fim de alavancar empreendedores cujos negócios trazem um componente de inovação capaz de provocar um impacto social e ambiental positivo em suas comuni-

¹ Acesse o relatório *País Estagnado* em bit.ly/2FOFgGL.
² Acesse a *Carta de Princípios* em bit.ly/2D8MZxl.

dades – ou em qualquer outro lugar do mundo, dependendo da sua capacidade de escala.

“Estes agentes estão inter-relacionados e são interdependentes, desejavelmente organizados na forma de um grafo [rede], no qual todos os atores se conectam em um mesmo nível”, analisa Jorge Audy, superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUC-RS (leia mais sobre o “ecossistema” à pág. 18).

Considerando o volume de projetos de impacto em eclosão pelo País, não chega a ser um exagero dizer que tudo aconteceu bem de repente. No começo dos anos 2000, o governo do Reino Unido convocou gestores do mercado financeiro, para compartilhar o desafio de atrair mais capital privado para financiar soluções inovadoras voltadas à re-

solução de problemas sociais – que se somaria aos recursos governamentais, às doações de organismos internacionais, ao investimento social privado e à filantropia.

Por aqui, o governo brasileiro assumiu o seu papel nesse ecossistema em 2016, após ser provocado pelas organizações da sociedade civil e entender a relevância do tema. Segundo Lucas Ramalho Maciel, especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental da Subsecretaria de Inovação do Ministério da Economia, o governo “desenvolveu uma série de ações para catalisar e potencializar o que já estava sendo implementado”.

Seu principal movimento foi montar um grupo de trabalho para elaborar a Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Im-

Se as empresas quiserem atrair os melhores talentos, a proposta de valor deve conter propósito social e ambiental

pacto (Enimpecto) [E](#), política nacional de 10 anos que traz dezenas de propostas de ações estratégicas de fomento ao empreendedorismo de impacto no País. A Enimpecto hoje está ligada à secretaria no Ministério da Economia.

O papel do governo é crucial para o desenvolvimento do setor. É a opinião da superintendente executiva da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), Sheila Oliveira Pires. “É crucial porque, primeiro, tem um poder muito maior para estimular o surgimento de uma legislação favorável à criação de novos empreendimentos; segundo, porque pode inserir critérios em suas compras públicas que estimulem empresas com propósito social”, afirma. Outro mecanismo de fomento ao alcance do governo é a redução de barreiras para os investimentos, entre outras ações possíveis que estão listadas no documento da Enimpecto (mais à pág. 23).

Bem antes de o governo brasileiro começar a interagir nesse campo, o “radar” de Graziella Comini, coordenadora do curso de graduação em Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP) já havia captado as primeiras articulações no exterior. “Esse tema surgiu para mim na virada do século como uma curiosidade acadêmica. Mas, por volta de 2010, comecei a perceber um movimento de alunos que vinham com interesses inspirados na → **Artemisia** e no → **Choice**, por exemplo.” Eram jovens que tinham vontade de fazer a diferença em relação às desigualdades sociais, mas não viam no voluntariado um espaço tão efetivo.

Renata Nascimento, empresária e fundadora do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), um dos articuladores do campo, tem esperança que esses jovens serão os agentes de uma mudança de → **mindset** nas empresas em geral. “A sociedade tem expectativas

maiores em relação ao papel das empresas e, se quisermos atrair os melhores talentos, a proposta de valor deve incorporar propósito social e ambiental. Os jovens hoje buscam se aproximar de organizações mais cidadãs e sustentáveis”, afirma a empresária.

MODELOS E MEDIDAS

Uma característica inicial dos investimentos e negócios de impacto no Brasil foi a relação com os ideais do prêmio Nobel da Paz de 2006, Muhammad Yunus, fundador do banco Grameen, de microcrédito, e de dezenas de negócios sociais em Bangladesh. Na concepção de Yunus, um negócio social não contempla a distribuição de dividendos. Ou seja, os acionistas de um negócio de impacto social deveriam abrir mão do retorno financeiro sobre o lucro para reaplicá-lo no próprio crescimento do negócio.

Hoje, no entanto, várias empresas de impacto adotam a distribuição de dividendos. Inclusive, de acordo com Edgard Barki, fundos de investimentos, como o Vox Capital ou a MOV, investem apenas em negócios de impacto que adotam essa prática (mais à pág. 30).

Outro pilar bastante debatido nesse campo diz respeito aos empreendedores se dedicarem também à avaliação e à mensuração de seus impactos. Dar transparência a essas informações resulta em credibilidade para o negócio e, conseqüentemente, atrai novos investimentos que, por sua vez, dão escala aos impactos. Para Diogo Quitério, gestor de programas do ICE e membro da diretoria executiva da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, não basta o empreendedor dizer que gera um impacto. Ele precisa ter clareza da transformação que deseja promover e mostrar indicadores de como faz isso.

Esse é o pensamento também do investidor social britânico Sir Ronald Cohen, tido como “o pai” do investimento de impacto. Ele escreve no livro *On Impact – A guide to the*

CARACTERÍSTICAS QUE DIFERENCIAM O INVESTIMENTO DE IMPACTO

Perfil de investimento	SÓ FINANCEIRO	RESPONSÁVEL	SUSTENTÁVEL	IMPACTO		SÓ IMPACTO
	Retorno financeiro competitivo					
	Mitigação de riscos ambientais, sociais e de governança					
	Modelos comprometidos com aspectos ambientais, sociais e de governança					
	Foco em soluções mensuráveis de alto impacto					
	Retorno financeiro competitivo					
				Retorno financeiro abaixo da média de mercado		
Pouco ou nenhum foco em aspectos ambientais, sociais e de governança	Mitigação de riscos ambientais, sociais ou de governança para proteger valor	Adoção de práticas ambientais, sociais e de governança com intuito de aumentar valor	Solução de problemas sociais gerando retorno financeiro competitivo para o investidor	Solução de problemas sociais gerando retorno financeiro que pode ser abaixo da média de mercado	Solução de problemas sociais gerando retorno financeiro ao investidor	Solução de problemas sociais sem gerar retorno financeiro ao investidor
INVESTIMENTOS DE IMPACTO						

Fonte: Adaptação da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto – 2019

ONG pioneira em aceleração de negócios de impacto

Choice é um movimento de capacitação de universitários

Predisposição para um determinado tipo de modelo mental

Acesse o documento em bit.ly/2tPivX.



➡ Aceleradora dedicada a estruturar a gestão, impulsionar o crescimento e captar investimento para empresas que resolvem desafios sociais e ambientais

Impact Revolution, publicado em 2018, que a mensuração de impactos sociais não só é possível como essencial. “Grandes empresas só integrarão o modelo de risco-retorno-impacto quando os investidores puderem medir e comparar o seu impacto de forma confiável”, afirma (*mais em entrevista à pág. 6*).

Enquanto alguns acreditam que a mensuração seja um divisor de águas nos negócios de impacto, outros a relativizam, principalmente no início do empreendimento. Embora alinhado à ideia da importância da mensuração, para Edgard Barki, isso não deve ser uma exigência. “O empreendedor de impacto social já tem toda uma dificuldade de colocar o negócio de pé, de trabalhar com a burocracia do País, de contratar gente, de sofrer inadimplência, de precisar de fluxo de caixa e, além de tudo isso, dizemos a ele: ‘Isso não é suficiente, você tem de mensurar seu impacto’”, argumenta.

Ainda não existe um consenso sobre o melhor método e o quanto profunda deve ser a mensuração de impacto social, mas uma solução poderá vir da tecnologia. A Social Good Brasil, organização precursora do Tech for Good (Tecnologia para o Bem), uma tendência mundial do uso de dados para promoção de impacto social positivo, está gestando um modelo tecnológico de mensuração de impacto.

Segundo a diretora executiva, Carolina Andrade, a ideia é desenvolver uma tecnologia que ajude o empreendedor social não só a coletar dados e a monitorar o impacto, mas mostrar que, com isso, ele pode aprender ainda mais sobre o próprio negócio. Por meio desses dados, os empreendedores passariam a tomar decisões baseadas em evidências, em lugar de “achismos” e percepções. “Nosso propósito na Social Good é unir tendências de

tecnologia a competências humanas e contribuir para a sociedade atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável [ODS], que definem soluções e aspirações globais para 2030”, diz (*mais sobre mensuração à pág. 32*).

EMPREENDER É O NOVO EMPREGO

Os 17 ODS e suas 169 metas, com as quais o Brasil contribuiu e se comprometeu, são uma grande oportunidade de reduzir a pobreza e outras externalidades negativas. O setor privado é um dos principais parceiros da ONU nesta agenda de desenvolvimento e os negócios e investimentos de impacto social e ambiental, por sua vez, podem contribuir para que toda essa engrenagem opere de forma mais azeitada. Mas, para isso, ganhar escala é fundamental. “E isso já vem acontecendo”, diz Anna de Souza Aranha, diretora da ➔ **Quintessa**.

Para dar base à sua afirmação, ela aponta três movimentos. Um diz respeito ao grande número de negócios existentes há muito tempo que não se identificavam como de impacto e passam agora a se reconhecer como tal. Outro se refere aos jovens, em número cada vez maior, que querem sair da faculdade e empreender nessa linha, e aos profissionais em transição de carreiras que estão optando por trabalhar em algo com mais propósito de impacto. O terceiro é o crescimento do empreendedorismo como um todo no País.

Uma consulta ao *Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental*, elaborado pela Pipe Social, permite conhecer as movimentações do setor – como tem se expandido, perfis de negócios, lacunas do mercado e estratégias de investimento ([acesse pipe.social/mapa2019](https://pipe.social/mapa2019)).

Marco Gorini, sócio-fundador da Din4mo, empresa que nasceu com o propósito de for-



Fonte: *Carta de Princípios para Negócios de Impacto no Brasil* (Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, 2015)

talecer negócios de impacto socioambiental, considera estratégico para o desenvolvimento nacional provocar o empreendedorismo de impacto. Ele cita como exemplo a questão do desemprego crescente – em janeiro último, a taxa chegou à marca de 12% da população economicamente ativa, o que representa 12,7 milhões de pessoas, segundo o IBGE. O pior é que parte desse problema é estrutural. De acordo com Gorini, são postos de trabalho que foram extintos, e não vão mais voltar.

“A tendência é de que os jovens não consigam mais os empregos clássicos”, afirma. Ele chama atenção, no entanto, para o modelo de empreendedorismo que poderá substituir empregos. Há dois tipos deles, o de oportunidade e o de necessidade. Naturalmente, em um país com tantos milhões de desempregados o empreendedorismo de necessidade é muito maior. Assim, quando fala em estratégia de desenvolvimento nacional, Gorini está referindo-se não aos que foram empreender para sobreviver ao desemprego, mas àqueles que querem empreender por talento e vocação. “É muito legítima essa iniciativa. Quem tem necessidade deve empreender mesmo, mas não necessariamente é este empreendedor que vai provocar o impacto de que estamos falando”.

Mesmo com toda a perspectiva de crescimento existente – só na FGV são quatro disciplinas sobre o assunto –, Edgard Barki fala também sobre os limites dos empreendimentos de impacto. Eles não têm a pretensão de resolver todos os problemas sociais do Brasil, mas podem complementar soluções, “especialmente mitigando ou resolvendo algumas vulnerabilidades da sociedade nas áreas de saúde, moradia e educação”, diz.

Outra questão apontada por ele é que gran-

de parte dos empreendedores sociais ainda são pessoas de alta renda tentando resolver problemas da baixa renda. “Aceleramos por ano 10 negócios de impacto em periferias para mudar um pouco essa lógica” (*leia sobre empreendedorismo “da base para a base” à pág. 33*).

Sobre esse aspecto, A Banca fundou sua própria aceleradora há pouco mais de um ano – a Aceleradora Negócio de Impacto da Periferia –, para fomentar projetos, coletivos e negócios de periferia que gerem impacto financeiro, social e ambiental na base da pirâmide.

Essa é também a linha de trabalho do escritor norte-americano Stuart Hart, fundador da Enterprise for a Sustainable World, organização sem fins lucrativos dedicada a ajudar as empresas a fazer a transição para a sustentabilidade. A solução, segundo ele, pode estar na própria base da pirâmide que se deseja impactar. No artigo “A Riqueza na Base da Pirâmide” [↗](https://bit.ly/2u5BfYU), Hart explica que o capitalismo assumiu implicitamente que os mais ricos são atendidos pelo setor empresarial, enquanto os governos e as ONG protegem os mais pobres e o meio ambiente.

Conforme Hart, essa divisão implícita é mais forte do que muitos imaginam. De gestores em organizações multinacionais a formuladores de políticas públicas e ativistas em ONG, todos incorporam essa histórica divisão de papéis. Sua conclusão é a de que os negócios de impacto social representam uma grande oportunidade de quebrar essa “regra”. É possível “unir os mais pobres aos mais ricos, em todo o mundo, em um único mercado, organizado ao redor do conceito de crescimento e desenvolvimento sustentável”, acredita. [↗](https://bit.ly/2u5BfYU)

[↗ Acesse o artigo em bit.ly/2u5BfYU.](https://bit.ly/2u5BfYU)

Vamos precisar de todo mundo

Atores diagnosticam gargalos e identificam alavancas para expandir o diversificado campo dos investimentos e negócios de impacto. Trabalhar de forma mais estruturada é o desafio que se apresenta

POR AMÁLIA SAFATLE INFOGRÁFICO JOSÉ ROOSEVELT JUNIOR

A Agenda 2030 é um plano de ação composto por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. Criada em 2015, a Agenda foi adotada por 193 estados-membros da ONU

Por trás da frase “Entre ganhar dinheiro e ajudar o mundo, fique com os dois” ¹, está o mote dos investimentos e negócios de impacto: não se trata de isto ou aquilo, mas isto e aquilo. “Quem historicamente gerava impacto social e ambiental positivo eram as ONGs e fundações, e quem gerava ou buscava *performance* financeira eram as empresas e investidores tradicionais. Quando usamos ‘e’ chegamos a um grupo de organizações olhando para as duas coisas”, diz Célia Cruz, diretora executiva do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), um dos articuladores deste campo (o infográfico mostra os principais atores do “ecossistema” e seus papéis).

A lógica de somar não só permeia o conceito, como torna a prática muito mais poderosa, à medida que a busca pelo lucro estimula a geração de impacto social e ambiental positivo, fazendo com que os negócios se autossustentem. “Recursos provenientes de governo, filantropia e Investimento Social Privado continuam muito importantes, mas não são suficientes para bancar a inovação necessária. A gente precisa acessar novos bolsos”, explica Cruz.

Recursos que poderiam solucionar questões socioambientais complexas existem. O desafio está em criar um ambiente favorável para que os fluxos financeiros

passem a participar dessa lógica. “Para cumprir a **Agenda 2030**, são estimados US\$ 67 trilhões. É muito dinheiro. Mas os ativos de especulação que giram no mundo superam US\$ 300 trilhões por ano ². Ou seja, o problema não está no crescimento, mas na decisão de alocação do investimento”, afirma Marco Gorini, cofundador da Din4mo.

Como pano de fundo para essa transformação, Jorge Luis Audy, superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUC-RS, entende que é necessária uma mudança de ordem cultural, para que novos valores sejam cultivados. Para ele, é preciso haver um entendimento e uma percepção da importância do impacto social e ambiental para o desenvolvimento local e global. Mas, para isso acontecer, a comunicação, a clareza do conceito e o engajamento de novos atores são fundamentais.

Daniel Izzo, cofundador da Vox Capital, pioneira em gestão de investimentos de impacto no Brasil, já observa uma evolução nesse sentido, pelo menos no círculo em que o fundo opera. “Em 2009 a gente tinha de explicar o assunto. Hoje há um interesse crescente de investidores, e o desafio não é mais decidir se vão fazer, mas *como* fazer”, afirma. Ou seja, o gargalo está menos no conhecimento e na demanda, e mais na oferta de produtos financeiros

¹ Frase criada pela aceleradora Artemisia.

² Para saber mais, acesse relatório do Credit Suisse Group em bit.ly/Zz5lnQY.

Conquistas e Avanços do Ecossistema de Investimentos e Negócios de Impacto no Brasil

RELATÓRIO
2018

INICIATIVA



PATROCINADORES ALIANÇA



MENSAGEM DA ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO

A **Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto** tem como objetivo ativar o ecossistema de impacto no Brasil através do mapeamento, conexão e apoio a agendas e atores estratégicos. No ano de 2015, ainda sob o nome de Força Tarefa de Finanças Sociais, a Aliança lançou 15 recomendações para fazer avançar esse campo até 2020, como fruto de um amplo trabalho de escuta e colaboração com diversos atores nacionais e internacionais.

A expectativa dessas recomendações é desenvolver quatro dimensões ao mesmo tempo: aumento e qualificação do número de Negócios de Impacto no Brasil; ampliação da oferta de capital e diversificação de instrumentos financeiros para fomento dos negócios de impacto; fortalecimento de organizações intermediárias que conectam e apoiam empreendedores e investidores; promoção de um macro ambiente favorável, com lideranças nos setores público e privado comprometidas com a criação de marcos regulatórios direcionados à expansão do tema.

Como norteadores, as recomendações contemplam ainda metas e atores a serem engajados, como por exemplo, famílias de alta renda, líderes de fundações, docentes e profissionais em formação na Academia, gestores públicos e equipes de aceleradoras e fundos de investimento.

Nos últimos três anos, além de produzir conteúdos sobre Investimentos e Negócios de Impacto e fomentar algumas iniciativas piloto, a Aliança tem monitorado anualmente os avanços das recomendações. Ainda que não seja possível reportar a totalidade de iniciativas inovadoras que emergem a cada ano, buscamos fornecer uma fotografia que ilustre a percepção de que há um ecossistema em expansão - seja pelo número e perfis de seus atores, pela distribuição nas diferentes regiões do país ou pela diversidade dos formatos experimentados. O objetivo desses relatórios tem sido celebrar, repercutir e conectar as diversas iniciativas, destacando que, sendo complementares, são todas necessárias para que o ecossistema possa amadurecer.

Em 2018, estruturamos uma plataforma que convocou as organizações a registrarem iniciativas inovadoras que começaram ou tiveram resultados efetivos no ano. Agradecemos às 67 organizações que participaram reportando 146 iniciativas. Considerando que 78% das ações registradas tinham co-realizadores (chegando em alguns casos a mais de vinte), é notável a entrada e aproximação de diversos atores em torno dos Investimentos e Negócios de Impacto. Muito obrigado a todos(as) que se dedicaram ao tema no ano passado e aceitaram compartilhar suas iniciativas e nos ajudar a contar essa história.

Desejamos a todos que a leitura traga novidades e boas ideias para parcerias e ações futuras!

Um abraço.

ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO

Diretoria Executiva | Equipe ICE

Beto Scretas, Celia Cruz, Debora Souza, Diogo Quiterio

Conselho da Aliança (dez/2018)

Alice Freitas, Daniel Izzo, Fábio Barbosa, Guilherme Ferreira, Heloisa Menezes, Luiz Lara, Marcos Vinícius de Souza, Maria Alice Setubal, Rodrigo Menezes

ALINHAMENTOS IMPORTANTES

Considerando que este Relatório se propõe a registrar iniciativas inovadoras que tenham sido criadas, significativamente renovadas ou tido resultados entregues no ano de 2018, é importante reconhecer a existência de centenas de outras iniciativas que movimentaram o ecossistema de Investimentos e Negócios de Impacto ao longo do último ano, mas que não são apresentadas neste Relatório.

Este Relatório priorizou o reporte das iniciativas a partir de três critérios:

INOVAÇÃO

Projetos ou programas que representem uma forma nova de fazer ou envolvam um público novo

APORTE AO CAMPO

Ações que tragam reflexão ou impacto para todo o campo (e não apenas para um indivíduo ou grupo)

CONHECIMENTO PÚBLICO

Ações que sejam públicas e, preferencialmente, estejam acessíveis para quem quer buscar mais informações¹.

Este Relatório não reporta:

- Novos produtos e serviços de negócios de impacto (apesar de interessantes e inovadoras, não dizem sobre a estruturação do campo. A plataforma Pipe Social alimenta o campo com dados a respeito);
- Iniciativas que ainda não foram lançadas ou com os resultados mais significativos a partir de 2019;
- Iniciativas sem fontes de consulta (quando a leitura se mostrar essencial para o seu entendimento);
- Iniciativas focadas exclusivamente em ONGs sem geração de receita, projetos sociais ou processos de doação.

As iniciativas reportadas foram organizadas em seis blocos: além das quatro dimensões que norteiam nosso trabalho desde 2015 (Aumento de volume de capital + Ampliação do número de negócios de impacto + Fortalecimento de organizações intermediárias + Construção de um macro ambiente favorável), consolidamos uma seção especial com os eventos realizados e outra com as publicações lançadas sobre o tema ao longo de 2018.

¹Na versão eletrônica do Relatório, no site www.aliancapeloimpacto.org.br o texto tem links para acesso a cada iniciativa.

AMPLIAÇÃO DA OFERTA DE CAPITAL

Esta dimensão reconhece iniciativas que ampliam o volume de recursos financeiros direcionados para Negócios de Impacto, trazendo novos investidores e explorando diferentes instrumentos financeiros.

INSTRUMENTOS FINANCEIROS DE IMPACTO

Primeira saída bem sucedida de um investimento de impacto em participação acionária.

A Vox Capital vendeu para a seguradora Generali sua participação na empresa TEM, que comercializa cartões pré-pagos de acesso à rede de médicos e serviços laboratoriais, obtendo taxa interna de retorno de 26% ao ano. *Responsável: Vox Capital*

Estruturação do FITI - Fundo Inseed de Inovação Tecnológica de Impacto

Um Fundo de investimento (VC seed / early stage) com foco em tecnologias como potencializadoras de impacto e associadas a metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs). *Responsáveis: Inseed Investimentos e SITAWI Finanças do Bem*

Criação da Rede Dinheiro e Consciência

Iniciativa pioneira no Brasil para que investidores de médio porte pudessem realizar empréstimos a partir de R\$ 1 mil para empresas considerando o seu impacto social. O resultado foi a participação de 80 pessoas, que emprestaram um total R\$ 1,25 milhão para financiar três negócios. *Responsáveis: Rede Dinheiro & Consciência, Fundação Avina, Ecosocial e Instituto Liga Social*

Maior captação via equity crowdfunding para um Negócio de Impacto

Finalizada em 45 dias, a captação via plataforma de investimento coletivo mobilizou 105 investidores e R\$ 1,02 milhão para o negócio Mais 60 Saúde, que oferece atenção primária para a saúde e bem-estar de idosos e suas famílias em Belo Horizonte. *Responsáveis: Din4mo e Plataforma Krya*

Primeira debênture de impacto social do Brasil

Primeira captação para impacto social via mercado de capitais, levantou R\$ 5 milhões para financiamento de oito mil famílias de baixa renda que terão suas casas reformadas pelo Programa Vivenda. Foi a primeira operação de impacto social distribuída por um banco de varejo (Itaú Private). *Responsáveis: Din4mo, Grupo Gaia, TozziniFreire Advogados e Programa Vivenda*

Lançamento do Fundo Yunus Negócios Sociais

Criação de um veículo de investimento aberto para investidores que priorizem impacto social. *Responsável: Yunus Negócios Sociais*

FORImpact - Family Offices de Impacto

Iniciativa que reuniu 12 famílias de alta renda e gestores de patrimônio para investir R\$ 1,2 milhão em 6 Negócios de Impacto, via dívida simples e dívida conversível. O processo, com capacitações sobre portfólios de impacto, foi sistematizado para motivar outras famílias e family offices a alocar capital nesse setor. *Responsáveis: ICE e Impactix*

Sponsorship Quintessa

Investidores financiam programas de aceleração para os Negócios de Impacto e participam ativamente do processo, oferecendo mentoria. Além de qualificar aspectos de gestão e modelos de rentabilidade dos negócios, o objetivo da iniciativa é qualificar a tomada de decisão dos investidores na aplicação de mais recursos. *Responsável: Quintessa*

APROXIMAÇÃO COM NOVOS INVESTIDORES

1ª Rodada de Negócios B

Evento para conexão direta entre Negócios de Impacto com soluções B2B e gestores de grandes empresas. A primeira edição, realizada durante o 3º Fórum de Finanças Sociais e Negócios de Impacto, atraiu 100 empresas que participaram de 180 reuniões. *Responsável: Sistema B*

Portas Abertas - Edição Saúde

Rodada de conexão de empreendedores com potenciais clientes e com especialistas do setor, tanto da esfera pública como da privada. *Responsáveis: Quintessa e Vox Capital*

Programa Partnerships for Forests

Mobilização de capital privado para co-investimento em negócios que contribuam para uma melhor utilização do solo e redução de desmatamento no Brasil. R\$ 16 milhões já foram disponibilizados (entre doação direta e apoio técnico) para 6 negócios. *Responsável: The Palladium Group*

MACROAMBIENTE FAVORÁVEL

Esta dimensão reconhece iniciativas jurídicas que normatizam questões chave para destravar recursos financeiros comprometidos com impacto social, dão embasamento legal a novos instrumentos financeiros e apoiam a jornada dos empreendedores sociais.

IMPLEMENTAÇÃO DA ESTRATÉGIA NACIONAL DE INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO (ENIMPACTO)



O decreto presidencial de criação da **ENIMPACTO**, assinado em dezembro de 2017, instituiu a criação de um comitê responsável pela implementação e monitoramento da Estratégia, que tem duração de dez anos. O órgão colegiado foi formado por 26 membros, sendo 7 ministérios, 3 bancos públicos, outras 6 organizações públicas e 10 organizações da sociedade civil.

Ao longo de 2018 o Comitê se estruturou em quatro grupos de trabalho, que mobilizaram outras trinta organizações para liderar ou apoiar a implementação de 25 ações conectadas às agendas estratégicas da Enimpecto. E tão importante quanto essas ações, foi a rede criada em torno do Comitê: "...as reuniões e os grupos de trabalho tornaram o Comitê uma instância formadora e inspiradora para as organizações participantes, que têm levado para discussões e planejamentos internos a agenda de impacto. A expectativa é que no médio prazo essa influência possa ser percebida na institucionalização de mais políticas e programas norteados ou comprometidos com vertentes de investimentos e negócios". Texto do relatório anual de atividades do Comitê de Investimentos Negócios de Impacto.

Membros do Comitê ENIMPACTO: Casa Civil; Ministérios do Planejamento, Fazenda, Desenvolvimento Social, Relações Exteriores, Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Indústria, Comércio Exterior e Serviços; Banco do Brasil; BNDES; Caixa Economia Federal; Sebrae; Finep; CVM – Comissão de Valores Imobiliários; Apex Brasil; ENAP – Escola Nacional de Educação Pública; CNPQ; ABVCAP – Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital; Anjos do Brasil; Anprotec; BID; CNI; GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas; ICE; Pipe Social; Pnud e Sistema B.

PROJETOS DE LEI RELEVANTES PARA A AGENDA

1

Elaboração de anteprojeto de lei para qualificação jurídica das “Sociedades de Benefício”, institucionalizando os elementos mínimos de propósito, responsabilidade e transparência. Essa chancela poderá beneficiar o processo de identificação e valorização dos Negócios de Impacto, principalmente no processo de compras e contratação por governos e grandes empresas.

Status: Em tramitação no Ministério da Economia. Sendo validado, seguirá para a Casa Civil para nova validação e assinatura da Presidência da República e, seguida, para envio ao Congresso e início da tramitação na Câmara.

Responsável: Sistema B

2

Projeto de Lei do Senado para criar e disciplinar os Contratos de Impacto Social (PSL 338/18).

Status: Em tramitação no Senado Federal. No momento, encontra-se na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) aguardando designação de relator.

Responsável: Senador Tasso Jereissati (PSDB/CE), com contribuições da ENIMPACTO liderada pela SITAWI Finanças do Bem.

AUMENTO DO NÚMERO DE NEGÓCIOS DE IMPACTO

Esta dimensão reconhece iniciativas que ampliam quantitativamente os Negócios de Impacto, formando novos empreendedores para construírem soluções em setores diversos e em todas as regiões do país, assim como iniciativas que qualifiquem as soluções criadas, para que estejam mais maduras para receber investimentos e escalar seus resultados.

PROGRAMAS DE ACELERAÇÃO DE ATORES ESTRATÉGICOS PARA O FORTALECIMENTO DO ECOSSISTEMA

1º Ciclo da ANIP – Aceleradora de Negócios de Impacto da Periferia

Programa voltado exclusivamente para empreendedores de periferias. A primeira turma, lançada em 2018, selecionou 10 negócios de impacto da zona sul de São Paulo, que participaram de 8 meses de aceleração e receberam até R\$ 20 mil de capital semente.

Responsáveis: Produtora A Banca – em parceria com Artemisia e FGVcenn (Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios) e Mov Investimentos.

Lab Habitação – Inovação e Moradia

O Lab acelerou 15 startups com soluções de impacto para tornar as moradias de milhares de brasileiros mais salubres, dignas e confortáveis – com o diferencial de engajar atores da indústria de construção civil com potencial de contribuir para a estruturação e crescimento dessas soluções. *Responsáveis: Artemisia, Cau-BR, Instituto Gerdau, Instituto Vedacit, Tigre, Eternit, Votorantim Cimentos, Caixa Econômica Federal.*

1º Ciclo de aceleração da Vale do Dendê

Processo de aceleração de seis meses para 10 startups da periferia de Salvador focadas em economia criativa. O ciclo disponibilizou acesso a ferramentas de gestão, captação e comunicação, além de uma missão empresarial, que levou os empreendedores a São Paulo para conhecer potenciais investidores e parceiros. *Responsável: Vale do Dendê.*

Programa de Aceleração de ONGs

Oportunidade para ONGs interessadas em repensar sua atuação conhecerem possíveis modelos de negócios, à luz dos conceitos do campo de Negócios de Impacto. *Responsáveis: Phomenta, Instituto Sabin, Instituto Cooperforte, Instituto Bancorbrás, Instituto BRB.*

Escola da Juventude

Formação de grupo de jovens empreendedores sociais na região da Mata Norte de Pernambuco. *Responsável: Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social.*

Desafio Conexsus – Fortalecimento da cadeia alimentar sustentável

O objetivo é fortalecer o ecossistema de negócios florestais e rurais sustentáveis, com olhar especial para o desenvolvimento do potencial econômico das organizações comunitárias. Foram realizadas 13 oficinas regionais com 260 representantes de cooperativas, associações e outras organizações ligadas à agricultura familiar, agroecologia, agrofloresta e aos povos e comunidades tradicionais – a maioria situados em áreas protegidas da Amazônia, terras de quilombolas e indígenas. Entre os resultados, um mapeamento com mais 1.000 negócios comunitários sustentáveis. *Responsáveis: Conexsus e Semente Negócios.*

Programa de Embaixadores Choice 2.0

Aplicação em diversas cidades fora de São Paulo (incluindo norte, nordeste, sul) da metodologia de sensibilização e formação de jovens universitários e egressos interessados em empreender com impacto. O desafio foi criar e prototipar soluções inovadoras para o atingimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. *Responsável: Choice.*

Da Periferia para Periferia – Portfólio de Negócios de Impacto social da cidade de São Paulo

Informações sobre 23 Negócios de Impacto criados na e para a periferia, além de 12 casos de empreendimentos que participaram da formação do Projeto Semente, que já realizou 3 ciclos de capacitação nas periferias de São Paulo. *Responsáveis: Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS), Fundação Arymax e Empreende Aí.*

Programa VaiTec – Aceleração de negócios tecnológicos nas periferias de São Paulo

A primeira edição do programa VaiTec para negócios (edições anteriores foram para projetos sociais) apoiou 24 iniciativas periféricas com R\$ 32 mil cada, além de consultorias e workshops para tração dos empreendimentos. *Responsáveis: Adesampa, Semente Negócios e Instituto Fundação Telefônica Vivo.*

Iniciativa Araucária+

Conservação da Floresta com Araucárias através de uma rede de negócios e inovação, gerando valor para a floresta e para as comunidades rurais que vivem em seus territórios. Os produtores locais seguem padrões sustentáveis de produção e são conectados a um mercado diferenciado, formado por empresas que adotam estratégias de inovação e sustentabilidade em seus produtos, demandando insumos de origem sustentável, com informação e rastreabilidade agregada. *Responsáveis: Araucária+, Fundação CERTI e Fundação Grupo Boticário.*

Labora – Laboratório de Inovação Social

Realização de três programas de aceleração voltados para negócios da economia criativa visando o desenvolvimento de empreendedores sociais e apoio na construção de uma rede de impacto no Rio de Janeiro. *Responsáveis: Oi Futuro, Startup Farm, Instituto Ekloos e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.*

MAPEAMENTO E RECONHECIMENTO DE MODELOS DE NEGÓCIO DE IMPACTO

Caminho +B

Implementação em empresas de capital aberto (ex: Movida) de metodologia de mensuração e melhoria das práticas de gestão e governança dos negócios. *Responsável: Sistema B.*

1º Chamada de Negócios e Programa de Aceleração da PPA 2018

A chamada recebeu 81 inscrições de startups com atuação na Amazônia, das quais 15 foram selecionadas para o Programa de Aceleração da PPA (a ser realizado em 2019) e 4 receberam investimentos no total de R\$ 1,1 milhão. A seleção das finalistas investidas foi realizada durante o FIINSA – 1º Fórum de Investimentos de Impacto & Negócios Sustentáveis na Amazônia. *Responsáveis: Idesam e PPA – Plataforma Parceiros pela Amazônia. USAID, CIAT, Denis Minev, SITAWI Finanças do Bem, Conexsus, Nesst, Pipe Social.*

1º Chamada de Bons Negócios pelo Clima

Chamada da Climate Ventures mapeou, com apoio de atores do campo no Brasil, 330 iniciativas que servem como referência para compreender os desafios específicos de quem empreende pensando em mudanças climáticas. Dez iniciativas foram selecionadas para receber apoio. *Responsáveis: Climate Ventures, ClimateLaunchpad, aoka, Instituto Clima e Sociedade, Pipe.Social, Fundação CERTI e Instituto Arapyau.*



FORTALECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

Esta dimensão contempla iniciativas que aumentam o número de organizações intermediárias, a diversidade de serviços prestados, expandem sua abrangência geográfica e constituem redes para fortalecer sua atuação.

INCUBADORAS E ACELERADORAS

3ª Rodada do Desafio de Incubação e Aceleração de Impacto

Com o objetivo de impulsionar incubadoras e aceleradoras de todo o Brasil para começar ou aumentar a atuação com os Negócios de Impacto social, a 3ª rodada capacitou 26 organizações por 5 meses, sendo 10 finalistas e 4 premiadas de diferentes regiões do país. *Responsáveis: Sebrae, Anprotec e ICE.*

Revisão do Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de empresas e Parques Tecnológico (PNI)

Negócios de Impacto foram incorporados no programa que promove a integração entre os principais atores do sistema, elaborando e apresentando propostas de financiamento, incentivos fiscais, qualificação de incubadas e promoção internacional de parques. *Responsáveis: MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.*

Inclusão de critérios e indicadores de impacto na metodologia do CERNE

O Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (CERNE) é uma plataforma que visa promover a melhoria expressiva nos resultados das incubadoras de diferentes setores. Sua metodologia foi atualizada com critérios de impacto, e 119 gestores de incubadoras foram capacitados no novo CERNE, em eventos realizados em Natal, Belém, Florianópolis e Manaus. *Responsável: Anprotec e Sebrae.*

Inclusão de serviços para a mensuração de impacto no SEBRAETEC

O Sebraetec apoia empreendedores a acessarem serviços especializados e customizados em áreas de inovação. Mensuração de impacto passa a ser uma área passível de apoio. *Responsável: Sebrae.*

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR



C.ACTO (Coletivo de Impacto)

Rede formada por co-realizadores do Fórum de Finanças Sociais e Negócios de Impacto do Nordeste para promover e fortalecer a agenda de impacto no nível regional. *Responsáveis: Porto Digital, Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom), CESAR School, Cesium, Incubadora Tecnológica de Empreendedores Criativos e Inovadores (ITCG), Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).*

Expansão da agenda de impacto na Tecnopuc/PUCRS

Universidade no Rio Grande do Sul criou uma Certificação de Estudos em Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto e organizou estudantes em Liga de Impacto na Escola de Negócios. Parque tecnológico também tem agenda de impacto. *Responsável: Tecnopuc/PUCRS*

Oficinas para professores

Parceria levou para o calendário institucional de universidade em São Paulo ações coordenadas de formação do corpo docente de diversas áreas no tema de empreendedorismo social. *Responsáveis: Incubadora de Empresas Mackenzie – SP, Choice e ICE*

QUALIFICAÇÃO DE INTERMEDIÁRIOS E REDES DE APOIO A EMPREENDEDORES DE IMPACTO



Nascimento da Aupa – Jornalismo em Negócios de Impacto Social

Portal 100% dedicado a discutir e explicar o setor de Negócios de Impacto no Brasil. Apresenta, semanalmente, reportagens exclusivas e em profundidade sobre o campo, oferecendo insights valiosos tanto para os iniciados quanto para os interessados e entusiastas. *Responsável: Aupa – Jornalismo em Negócios de Impacto Social*

Plataforma Anual Feira Preta

Suporte sistêmico para desenvolvimento do afro empreendedor, considerando criação e produção (Afrolab e Afrohub), visibilidade (Festival Feira Preta) e consumo (parceria com Mercado Livre para distribuição). *Responsável: Instituto Feira Preta.*

Nascimento da agência Atuação no Mundo

Estruturação de empresa de mobilização e produção de conteúdo focada em informar, sensibilizar e mobilizar as pessoas em torno da agenda de impacto. *Responsável: Atuação no Mundo.*

Chamada Impulse

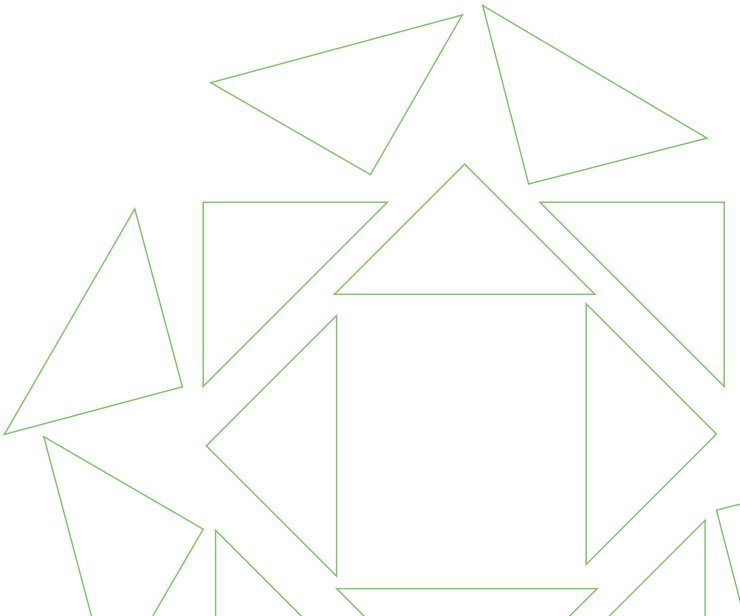
Chamada convocou o ecossistema a apresentar respostas para 5 desafios mapeados durante consulta aberta previamente. Foram recebidas 107 propostas e as 6 selecionadas receberam R\$ 40 mil cada para implementação. *Responsáveis: Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, ICE, Instituto Vedacit, British Council e BID Lab.*

Climate Ventures

Plataforma de inovação para acelerar uma economia regenerativa e de baixo carbono no Brasil. Incluiu, além da 1ª Chamada de Bons Negócios pelo Clima, um laboratório de inovação aberta baseado na Teoria U que reuniu 65 atores ligados a essa agenda para encontros presenciais e jornadas de aprendizagem que resultaram em 10 protótipos de ação coletiva. *Responsáveis: aoka, Instituto Clima e Sociedade, Instituto Arapyau e Proscience*

Enzima Lab

Formação para institutos e fundações melhor compreenderem os Investimentos e Negócios de Impacto, e pensarem suas estratégias de engajamento nesta agenda. Iniciativa respondeu à pouca oferta de ações específicas para institutos e fundações. *Responsáveis: Instituto Sabin, Din4mo e GIFE.*



EVENTOS

Em junho 2018 foi realizado o 3º Fórum de Finanças Sociais e Negócios de Impacto, em São Paulo que contou com 1.100 participantes, 170 palestrantes nacionais e 4 internacionais. Organizado pelo ICE, Vox Capital e Impact Hub, o Fórum realizou uma chamada para conhecer e apoiar eventos sobre o tema de Investimentos e Negócios de Impacto que aconteceriam ao longo do segundo semestre. O resultado desse levantamento foi um mapa com 43 eventos de todas as regiões do Brasil. Ainda que cada evento seja único em seu formato e abordagem, todos acabam por conectar e ativar ecossistemas locais, promovendo um ciclo virtuoso de troca de conhecimento e desenhos de parcerias futuras. Celebramos esse calendário de eventos de 2018 e esperamos por novas edições!

Os dez eventos apoiados pela essa chamada foram:

Fórum de Finanças Sociais e Negócios de Impacto – Brasília (DF). *Realização: Impact Hub Brasília, CDT-UnB, Anprotec, Instituto Sabin, CEF.*

O Impacto das Organizações de Impacto – Manaus (AM). *Realização: Impact Hub Manaus.*

II Workshop Conexões Novas Narrativas para Negócios de Impacto na Amazônia – Belém (PA). *Realização: Negócios – PCT Guamá.*

ELIS 2018 – Innovación Social: una mezcla entre gobierno, empresas y sociedad civil – Florianópolis (SC). *Realização: Wegov.*

1º Encontro de Negócios de Impacto Socio-Ambiental da Unisinos & Prêmio Roser – Porto Alegre (RS). *Realização: Unisinos, Unitec e Sebrae/RS.*

Festival de Impacto Social: Transformando a realidade com arte, negócios de investimentos sociais – Curitiba (PR). *Realização: Projeto Libria, Instituto Legado, Inside Lab e Rhodium.*

Fórum de Negócios de Impacto do NE – Recife (PE) *Realização: Porto Digital, Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom), CESAR School, Cesmac, Incubadora Tecnológica de Empreendedores Criativos e Inovadores (ITCG), Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).*

I Encontro Cearense de Empreendedorismo e Finanças Sociais: um olhar diferenciado para o avanço de negócios de impacto social – Fortaleza (CE). *Realização: Enactus/UFC.*

Fórum Mineiro de Finanças Sociais e Negócios de Impacto – Belo Horizonte (MG). *Realização: Baanko.*

Seminário Negócios de Impacto Social. Da teoria à prática: conceito, inovação social, modelagem e empreendedores sociais disruptivos – Campinas (SP) *Realização: Phomenta.*

Outros eventos de 2018:

- **1º Fórum de Investimentos de Impacto e Negócios Sustentáveis na Amazônia (FIINSA) – Manaus/AM.** *Realização: IDESAM e PPA. Co-organizadores: Impact-Hub Manaus e Nesst.*
- **Evento Impacto 2018 – São Paulo/SP.** *Realização: ABVCAP, ANDE, BID e Vox Capital.*
- **Seminário Finanças do Bem – o Estado da Arte – São Paulo/SP.** *Realização: SITAWI Finanças do Bem.*
- **Simpósio de Investimento de Impacto em Conservação, durante o 9º Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação – Florianópolis/SC.** *Realização: Fundação Grupo Boticário.*
- **Ocupação Afro.Futurista e Maratona Tecnológica Afro.Futurista – Salvador/BA.** *Realização: Aceleradora Vale do Dendê e Mídia Étnica_Lab.*
- **Conecta Lab e 1º Encontro de Negócios de Impacto Social ES – Vitória/ES.** *Realização: FOCO - Fundação Otacilio Coser, Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Instituto Federal do Espírito Santo.*

PUBLICAÇÕES

A sistematização e disseminação de informações são essenciais para que o ecossistema de Investimentos e Negócios de Impacto fortaleça sua identidade, organize seu repertório e faça repercutir a diversidade de abordagens, oportunidades e desafios do investir com propósito e empreender com impacto. Consolidamos uma lista de 19 publicações de 2018, divididas em 7 macro temas. (Na versão digital, você pode acessar as publicações clicando em cada título).

ECOSSISTEMA

Inovação e Impacto Socioambiental. Sinergias e potencialidades da interseção dos ecossistema de impacto com o ecossistema de ciência, tecnologia e inovação. *Realização: Wylinka e Flourish - Negócios com Propósito.*

Negócios de Impacto. Como as aceleradoras e incubadoras podem contribuir para a criação e o fortalecimento de negócios que oferecem soluções para problemas sociais e ambientais. *Realização: ICE, Anprotec e Sebrae.*

Pesquisa Nacional sobre Aceleração de Negócios de Impacto: Um olhar sobre as práticas atuais. *Realização: Sebrae.*

Gestão do Conhecimento no Ecossistema de Negócios de Impacto no Brasil. *Realização: Sebrae.*

Retrato dos Pequenos Negócios Inclusivos e de Impacto no Brasil. *Realização: Sebrae.*

Estudo Tsunami60+. Com o foco na população acima de 60 anos no país, incentiva novos negócios e soluções voltadas para esse público. *Realização: Pipe Social.*

FERRAMENTA DE APOIO A EMPREENDEDORES

Modelo C. Ferramenta que integra as metodologias Canvas e Teoria de Mudança para uma abordagem mais completa para o desenho de modelos de negócios de impacto. *Realização: Move Social, Sense-Lab, Fundação Grupo Boticário e ICE.*

Casos clínicos de mensuração e avaliação de impacto (Rede Asta e ASID Brasil). *Realização: Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto e Insper Metricis.*

GRANDES EMPRESAS

Oportunidades para Grandes Empresas: Repensando a forma de fazer negócio e resolver problemas sociais. Manual para líderes de grandes empresas conectarem seus desafios de operação com Negócios de Impacto. *Realização: Sense-Lab e Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto. Apoio: Derraik Menezes, Kimberly-Clark, PwC, Mattos Filhos, Nestlé.*

INSTITUTOS E FUNDAÇÕES

Fundações e Institutos de Impacto. FIIMP - Nossa Jornada de Aprendizado em Finanças Sociais e Negócios de Impacto. Grupo de 22 fundações e institutos reunidos para aprender como atuar no campo e qual o papel do recurso filantrópico nesse ecossistema. *Realização: Childhood, Fundação BMW, Fundação Grupo Boticário, Fundação Lemann, Fundação Otacilio Coser (FOCO), Fundação Raízen, Fundação Telefônica Vivo, Fundação Tide Setúbal, Fundo Vale, Instituto Ayrton Senna, Instituto Coca-Cola, Instituto Cyrela, Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), Instituto EDP, Instituto Holcim, Instituto InterCement, Instituto Phi, Instituto Sabin, Instituto Samuel Klein, Instituto Vedacit, Instituto Votorantim e Oi Futuro.*

Olhares sobre a atuação do investimento social privado no campo de negócios de impacto. Informações sistematizadas para que institutos e fundações possam compreender e traçar estratégias de engajamento com o campo. *Realização: GIFE, Oi Futuro, Instituto Vedacit, Instituto Sabin, Instituto Intercement, ICE e Instituto C&A.*

INSTRUMENTOS FINANCEIROS

Cartilha sobre Contratos de Impacto Social.
Realização: SITAWI Finanças do Bem, Mattos Filho, da TORUS Consulting e do Governo do Estado de São Paulo.

Como as Instituições Financeiras Locais e Internacionais estão se posicionando no tema de investimento de impacto. *Realização: Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto e Itaú.*

Garantias para financiamento e investimento em Negócios de Impacto. *Realização: Alexandre Guerra e Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto.*

PERIFERIA, RAÇA E GÊNERO

A VOZ E A VEZ: Pesquisa Nacional sobre Diversidade no Mercado de Consumo e Empreendedorismo. *Realização: Instituto Feira Preta, Instituto Locomotiva e Itaú.*

INVESTIMENTO DE IMPACTO

Panorama do setor de Investimentos de Impacto no Brasil. *Realização: ANDE, LAVCA, Semente Negócios, Fundação Grupo Boticário, ABVCAP, ICE e UBS.*

Panorama do Setor de Investimentos de Impacto no Brasil Brasil - Spotlight Setorial: Inclusão Financeira. *Realização: ANDE, LAVCA, Semente Negócios.*

Panorama do setor de Investimentos de Impacto no Brasil Brasil - Spotlight Setorial: Investimentos de Impacto em Conservação da Biodiversidade. *Realização: ANDE e Fundação Grupo Boticário.*

Investimento de Impacto na Amazônia: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Mecanismos de investimento, tipos de empreendimento, cadeias de valor, obstáculos e oportunidades ao investimento na área. *Realização: SITAWI Finanças do Bem. Apoio: USAID CIAT IDESAM e PPA.*

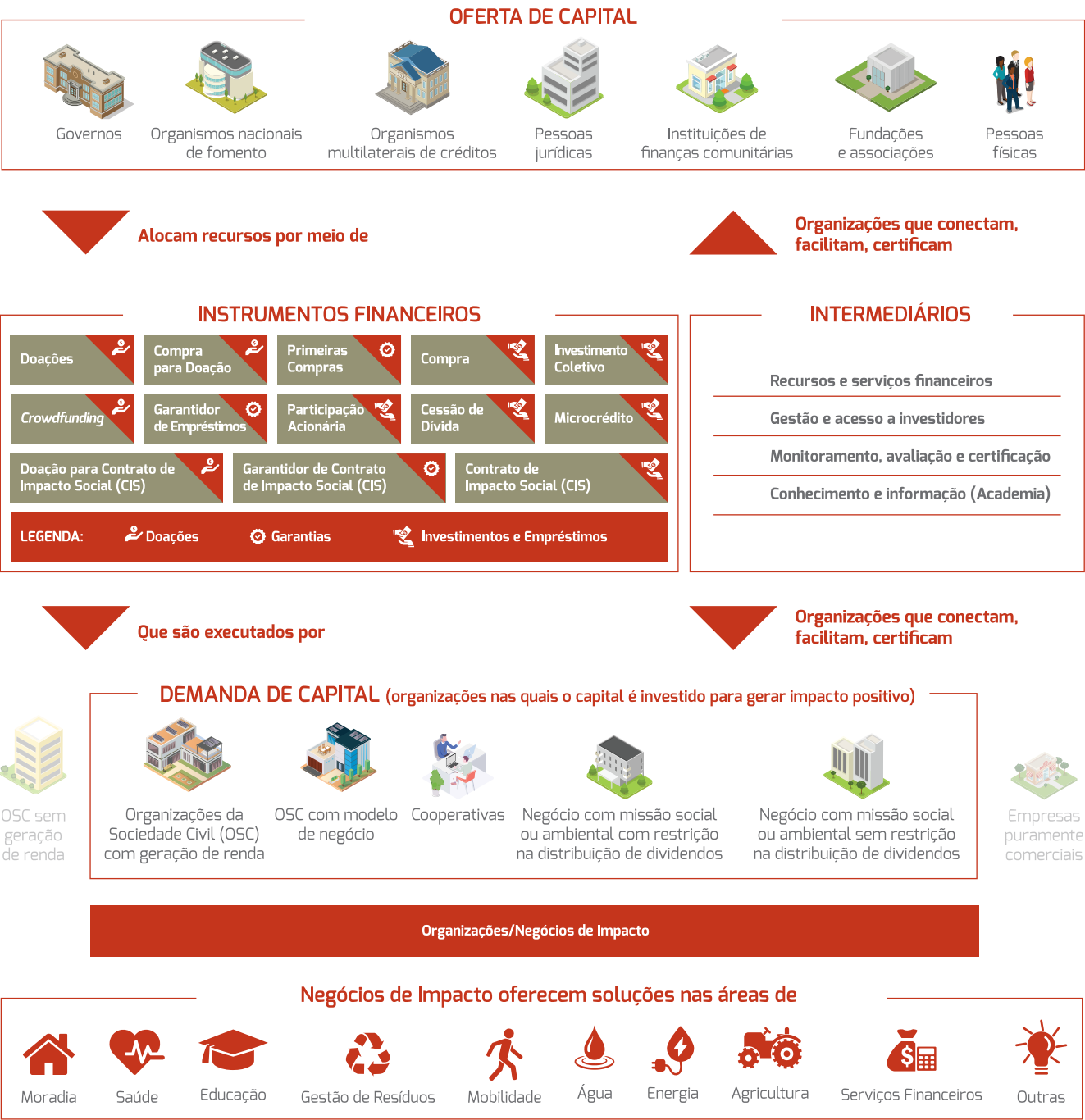


Nos últimos quatro anos a Aliança lançou 18 publicações sobre Investimentos e Negócios de Impacto. Acesse o site aliancapeloimpacto.org.br/publicacoes, conheça e dissemine esses conteúdos.



RELATÓRIO 2018 – CONQUISTAS E AVANÇOS DO ECOSSISTEMA DE INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO NO BRASIL EM 2018
Realização: Diogo Quitério, Debora Souza, Celia Cruz, Beto Scretas
Diagramação: Zapall

Quem são os principais atores e como se relacionam



Fonte: Adaptação da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto – 2019

➡ **O Vale da Morte é o período inicial de atividades de startups, em que há grande risco de descontinuidade das operações**

➡ **Investimentos que injetam capital em empresas em troca de participação societária. O *venture capital*, em fase de estruturação, atrai investidores em busca de altas taxas de crescimento e retorno. Já os de *private equity* encontram-se em etapa mais madura**

➡ **Debênture é um título de dívida emitido por empresas para captação de recursos. Funciona como um empréstimo, em que o investidor se torna credor e recebe juros fixos ou variáveis ao final do período pactuado**

ros atraentes e criativos para o mercado. “Claro que grandes investidores e entes reguladores podem fazer um esforço a mais, flexibilizando alguns critérios. Mas o dia em que a gente conseguir apresentar produtos que entrem em uma lógica de risco e retorno mais afinada com o mercado, vai chover dinheiro”, acredita.

Para ajudar a expandir o fluxo de investimentos especialmente nos estágios mais iniciais, o ICE, em parceria com a consultoria Impactix, criou em 2018 a iniciativa FORImpact, que estimula famílias de alta renda a fazer coinvestimento direto em negócios de impacto socioambiental, por meio de seus *family offices* (estruturas de gestão de patrimônio familiar).

Normalmente, por possuírem altos volumes, essas famílias investem em negócios de ➔ *private equity*, que estão em fase mais evoluída e nos quais correm menos risco, em vez de entrar em ➔ *venture capital*, em que teriam de gerenciar diversos projetos de valor mais baixo. Em fevereiro, um encontro reuniu famílias e gestores de fundos, que apresentaram diversos produtos de investimento nos quais puderam avaliar risco, retorno e impacto (*mais sobre investimento de impacto à pág. 30*).

Um mecanismo inovador para captar recursos de investimento de impacto é a ➔ *debênture* social, que funciona no modelo de *blended finance* – neste caso, o recurso de filantropia serve para dar garantia ao investimento tradicional, eliminando riscos. O papel foi criado em janeiro de 2018 pela Din4mo para financiar o Programa Vivenda, negócio de impacto social que trabalha com moradia digna para a população de baixa renda (*mais à pág. 24*) e em junho recebeu prêmio da ONU Habitat.

Por meio da emissão dessa debênture, investidores clássicos, provenientes do Itaú Private Banking, aceitaram investir em uma *startup*. O Fundo Zona Leste, ligado à Fundação Tide Setubal, entrou com 40% e os demais 60% vieram dos investidores tradicionais. A inovação significou um salto no acesso a recursos. Quando a Vivenda tinha ido ao mercado bancário tradicional pedir crédito, o máximo que conseguiu foi R\$ 50 mil. Mas, por meio da debênture social, obteve R\$ 5 milhões. “Isso muda a história”, diz Gorini. Mais dois papéis com a estrutura de *blended finance* devem ser lançados este ano.

Mas, para além dessas novidades, Gorini acredita que há visões a serem corrigidas entre os investidores, como a que subestima o tempo necessário para o desenvolvimento e a maturidade de um negócio de impacto. É preciso levar em conta que um negócio de impacto social atuará em mercados ainda não estruturados e, portanto, precisam de um tempo de maturação geralmente maior.

“Não é verdade que quando uma *startup* sai de uma aceleradora já está pronta para acessar um *venture capital*. No chamado ➔ **Vale da Morte**, não basta dinheiro, é preciso acesso a uma *expertise*, a uma senioridade. Há uma lacuna nesse campo, uma falha de mercado”, diz Gorini. Foi aí que a Din4mo entrou, com um olhar mais paciente, prevendo retorno em prazos mais alongados.

Isso acentua a importância de fortalecer o campo intermediário entre a demanda dos investidores e a oferta de negócios – formado por incubadoras, aceleradoras, investidores-anjos e parques tecnológicos, entre outros. Criadas no Brasil como parte de políticas públicas na década de 1980, as incubadoras e aceleradoras sofrem fragilidades até hoje. Em universidades públicas não é incomum ver equipes formadas por um único professor, que dedica 20 horas por semana, e apenas dois ou três bolsistas. “As incubadoras enfrentam desafios institucionais para que consigam incorporar de fato a agenda de impacto”, diz Fernanda Bombardi, gerente executiva do ICE.

O ICE, a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) criaram um programa de sensibilização e engajamento para o tema do impacto, aproveitando que a maioria fomenta negócios de base tecnológica, e a tecnologia é vista como ferramenta importante para potencializar os negócios de impacto. Até o momento, cerca de 70 incubadoras e aceleradoras passaram pelo processo de formação no assunto de impacto. “O próximo desafio é instrumentalizá-las para prestarem suporte adequado a esse empreendedor com propósito”, diz Bombardi.

Um dos *gaps* do ecossistema é identificado na oferta de negócios, tanto em qualidade como em quantidade. “Na hora que a gente busca *startups* para mostrar a esses investi-

dores, ainda existe certo esforço para conseguir projetos de qualidade. Esse é um dos principais gargalos específicos”, diz Maria Rita Spina Bueno, diretora executiva da Anjos do Brasil, rede de 380 investidores que mostra ➔ **crecente interesse** por negócios de impacto.

“O gargalo [*dos negócios de qualidade*] vem desde a formação no Ensino Médio, pois não existe uma cultura de empreendedorismo enraizada no Brasil”, avalia Luiz Romão, professor da Universidade da Região de Joinville (Univille), ligada ao Inovapark. Esse parque tecnológico abriga, desde 2017, uma incubadora voltada a negócios de impacto, com 14 projetos em diversos estágios de maturidade. A universidade, ➔ **comunitária**, busca envolver os professores na busca de soluções de problemas reais, conectados aos ODS.

Para promover essa conexão, Romão vê como fundamental o fortalecimento do elo entre a academia e as grandes empresas, formando gestores já preparados para atuar com a visão do impacto. Outra vertente é incubar projetos voltados para a cadeia de valor de grandes empresas locais. Um exemplo disso é a parceria de *startups* incubadas no Inovapark com a empresa de tubos e conexões Tigre, sediada em Joinville. Iniciada em abril, a parceria prevê um programa de mentoria prestado por gestores da empresa durante seis meses. Eventualmente, alguma das *startups* poderá participar da cadeia de valor da Tigre. Ao mesmo tempo em que faz toda a diferença para a *startup* começar já com um cliente de maior porte na carteira, a grande empresa solidifica sua atuação no campo dos negócios de impacto por meio de seus fornecedores – em uma estratégia de ganha-ganha.

Outro caso, em se tratando da cadeia de valor, é experimentado pela cimenteira InterCement. A empresa identificou, perto dos alto-fornos, uma cooperativa agrícola que vive do extrativismo do licuri, coquinho do qual se extrai óleo, gerando resíduos de biomassa com poder calorífico. A grande surpresa foi descobrir que o poder energético era igual ou melhor que o do pneu inservível, comumente usado para alimentar os alto-fornos. O desafio foi, então, organizar a cadeia de valor para que começasse a gerar renda e impacto socioeconômico para a cooperativa. Hoje, o projeto inclui 220 famílias e pode chegar até a

2 mil, informa Carla Duprat, diretora do Instituto InterCement. Duprat frisa que mudanças relativamente simples na rotina são capazes de provocar grande impacto na cadeia de valor. Uma delas foi alterar o sistema de pagamento do fornecedor, reduzindo de 30 para 7 dias. Para o pequeno fornecedor, o prazo faz toda diferença, mas é o tipo de mudança de processo que só ocorre se houver engajamento das pessoas. “Para isso, é preciso colocar o impacto na estratégia de negócio da empresa e estabelecer metas.” Ela vê a importância de se levantar essas bandeiras para provocar mudanças de *mindset* no setor produtivo.

O caso é um piloto que poderá ser usado até em escala mundial, envolvendo na cadeia de valor fornecedores de biomassa que estejam próximos aos fornos da empresa em países como Moçambique e Paraguai. Com isso, a InterCement busca atender a quinta das ➔ **15 recomendações** do campo, que preconiza o uso de 5% de fornecedores advindos de impacto até 2020. (*acesse as recomendações em bit.ly/2TuOU11*).

Desenvolver o ecossistema de forma descentralizada geograficamente é mais uma alavanca para tornar o ecossistema mais rico e ampliar o volume de bons projetos. “Há muitos talentos que são desperdiçados só porque não se encontram no eixo São Paulo-Rio”, diz Gorini, da Din4mo. Não por acaso, Graziella Comini, professora associada do departamento de Administração da FEA-USP, empenha-se em formar doutores em Manaus, para atuar na região amazônica. Por meio de um programa de doutorado em inovação e empreendedorismo, o intuito é explorar o impacto social considerando especificidades locais, como a biodiversidade amazônica, o empreendedorismo comunitário e realidades rurais e urbanas que diferem muito da encontrada em outras capitais brasileiras.

Comini, que integra a ➔ **Rede de Professores do Programa Academia ICE**, entende que a temática do impacto social passou do momento de ser tratada dentro uma “caixinha” e deve ser transversalizada em diversas áreas de pesquisa acadêmica, como marketing, finanças e gestão de pessoas.

“Teve muita importância o momento de afirmação do conceito, em que o impacto foi objeto de estudo. Mas hoje estou menos preo-

➡ **Recente pesquisa com esses investidores perguntou qual o maior tema de interesse entre 10 opções, e impacto ficou em terceiro lugar, depois de *business to business* (B2B) e *fintechs***

➡ **Pública de direito privado, a universidade não visa lucro, mas cobra mensalidade, que é reinvestida na comunidade do entorno por meio de projetos. Mais de 50% dos alunos recebem algum tipo de bolsa**

➡ **Em 2015, a Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto elaborou 15 recomendações a atores específicos do ecossistema para, até 2020, levar mais capital para o campo, fortalecer organizações intermediárias, gerar mais negócios de impacto e promover um macroambiente favorável**

➡ **Iniciativa que aglutina e promove atividades sobre negócios e investimento de impacto junto a 80 docentes espalhados em todas as regiões brasileiras**

❏ Criado nos Estados Unidos, o Sistema B tem como objetivo construir ecossistemas para fortalecer empresas que usam a força do mercado para resolver problemas socioambientais

❏ O Modelo C resulta de parceria do ICE com Sense-Lab, Move Social e Fundação Grupo Boticário. O projeto que serviu de piloto foi o Araucária+, que remunera a produção sustentável de pinhão e erva-mate em Santa Catarina, com o intuito de conservar a Floresta de Araucária, hoje com menos de 1% da vegetação original

cupada em ver quais são os contornos que definem um negócio de impacto e mais em ver a coerência das organizações em relação ao que estão contribuindo para essa agenda”, diz.

Isso não significa que um alinhamento mínimo sobre o tema não seja importante. “Se a gente quiser direcionar mais recursos para esse campo, é preciso ter mais clareza sobre o conceito e conferir maior segurança jurídica, pois estamos falando de negócios de maior risco por sua natureza”, afirma Rachel Karam, integrante de um time de 11 advogados do grupo jurídico do **→ Sistema B**.

“Para atrair bancos de investimentos como o BNDES, integrante do comitê da Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (Enimpecto), a primeira pergunta que vão fazer é: como saber se a empresa que está me pedindo esse financiamento é de impacto?”, pontua Karam.

Por isso, a advogada entende a mensuração dos impactos proporcionados pelo negócio como elemento fundamental. Para ela, a tarefa é acessível mesmo aos pequenos empreendedores, a começar de processos mais simples como B Impact Assessment, uma ferramenta pública, on-line e gratuita. “É um formulário usado hoje por mais de 60 mil empresas, inclusive foi escolhido pela ONU como ferramenta de mensuração dos ODS”, diz (mais sobre mensuração à pág. 32). Segundo ela, o formulário pode servir simplesmente

para conhecer melhor a empresa e critérios de avaliação. Se atingida uma pontuação mínima, a empresa pode requisitar a certificação, processo que terá custo e vale por dois anos.

Enquanto alguns atores defendem legislações específicas para os investimentos e negócios de impacto –, o que exige definições muito claras sobre seus contornos – outros temem que regras e tratamentos diferenciados possam inibir a fluidez de recursos e isolar o campo, em vez de transversalizá-lo.

Bombardi, do ICE, acredita que os esforços devam ser empregados especialmente na criação de um macroambiente favorável para a inovação e o empreendedorismo, por meio de políticas públicas desenvolvidas pelo governo. Em paralelo a isso, defende que haja mais gente no campo atuando na formação de investidores e empreendedores, e criando plataformas e ferramentas úteis, a exemplo do **→ Modelo C**, que combina o Canvas, um instrumento de modelagem de negócios muito utilizado, com a Teoria de Mudança, abordagem que mostra como o negócio pretende gerar impacto a partir de uma determinada intervenção (mais à pág. 34).

Após uma década em que esse campo floresceu no Brasil, trabalhar de forma coesa é, na visão de Gorini, o salto de maturidade necessário para que seus atores criem soluções cada vez mais estruturadas e se atinja um novo patamar de desenvolvimento. **■**



O papel do governo

Como o Brasil se tornou uma referência internacional ao articular e implementar a Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto

Vivemos o início de uma revolução no capitalismo global, na qual investimentos devem aliar retorno financeiro com impacto social. O motivo dessa transformação é a percepção de que os desafios enfrentados pela humanidade hoje são tão complexos e desafiadores que o governo e o setor privado não conseguirão resolver sozinhos.

No Brasil, o setor público em geral é pouco eficiente, oferece serviços de baixa qualidade e enfrenta dificuldades imensas para inovar. Já as ações de responsabilidade social das empresas ou do Terceiro Setor mostram-se claramente insuficientes perante o tamanho do desafio. Por outro lado, vemos a tecnologia avançando em ritmo alucinante: nunca foi tão fácil empreender negócios inovadores por meio de tecnologias digitais amplamente disponíveis, a baixo custo e com número crescente de investidores.

A união de desafios complexos e alto potencial de inovação é o caldo perfeito para impulsionar investimentos e negócios de impacto social no Brasil – e o setor público deve fazer sua parte. O governo pode atuar no desenvolvimento deste segmento por meio de três papéis: facilitador, participante e regulador.

No de **facilitador**, cria organizações e sistemas que fomentam e disseminam o tema, por exemplo, apoiando a criação de negócios de impacto, incubadoras, aceleradoras, programas de capacitação e políticas públicas.

Como **participante** do mercado, o governo atua no acesso a capital, como fundos de investimentos e instrumentos financeiros, compras públicas e sistema de contratação baseado em pagamentos por performance.

Finalmente, o governo pode exercer o papel de **regulador**, oferecendo incentivos fiscais tanto aos investidores quanto aos negócios, criando personalidades jurídicas de empresas específicas para



impacto e influenciando investidores institucionais para considerarem o impacto em suas decisões de alocação.

O Brasil tem se posicionado como um protagonista mundial em políticas públicas nessa área. A Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (Enimpecto), liderada pela Subsecretaria de Inovação do Ministério da Economia, foi reconhecida como *benchmarking* pela OCDE, pelo Fórum Econômico Mundial e pelo Global Steering Group on Impact Investment (GSG).

A Enimpecto alinhou as prioridades nacionais com as internacionais do GSG e escolheu quatro grandes áreas de atuação: aumentar capital disponível para investimento e financiamento, elevar o número de negócios de impacto, fortalecer os intermediários (incubadoras, aceleradoras, universidades etc.) e aperfeiçoar o marco regulatório para este segmento.

ENGAJAMENTO

Um aspecto interessante dessa iniciativa foi a maneira inovadora como

uma pequena equipe de servidores públicos do Ministério conseguiu articular e envolver dezenas de áreas do governo em torno da temática de impacto. Após estabelecer parceria com a Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, a equipe mapeou no governo federal as unidades de cada agência e ministério que teriam algo a contribuir para a Estratégia. Em seguida, “evangelizou” cada área-alvo sobre a importância do tema por meio de apresentações customizadas para aquela unidade específica.

Após o engajamento, todos esses órgãos governamentais foram convidados a cocriar a política pública com os atores do ecossistema de impacto: investidores, aceleradoras, empreendedores, dentre outros. O último passo foi lançar uma consulta pública para que qualquer cidadão pudesse dar sua contribuição para a Enimpecto.

Após 18 meses, mais de 150 reuniões e muita resiliência, essa equipe conseguiu transformar um tema desconhecido dentro do governo em um decreto assinado pela presidência da República, criando uma política pública com horizonte de 10 anos e reconhecida internacionalmente. A gestão da Enimpecto também é colaborativa e está nas mãos de 16 organizações de governo e 10 do setor privado e da sociedade civil.

Governos deveriam apoiar com ênfase o desenvolvimento de investimentos e negócios de impacto simplesmente porque é um bom negócio. Esse segmento gera desenvolvimento econômico com empresas inovadoras e empregos qualificados que pagam mais impostos, aumenta a eficiência da administração economizando recursos do contribuinte e, finalmente, usa modelos de negócio inovadores para resolver problemas sociais do cidadão. Em resumo: pode gerar receita, diminuir custos, atender melhor a sociedade e ainda colher dividendos políticos com a melhora de vida da população.

CHAMADO ÀS BASES Valor para conservação devia ser seis vezes maior

Expandir o campo dos investimentos e negócios de impacto significa também endereçar os desafios de ordem ambiental. Um dos maiores gargalos está na conservação da biodiversidade, que fornece nada menos que a base de sustentação para todo o desenvolvimento social e econômico acontecer. Levantamento feito por WWF, Credit Suisse e McKinsey mostra que o valor destinado à conservação precisaria ser no mínimo seis vezes maior que o atual. Atualmente são investidos US\$ 50 bilhões em projetos no mundo todo, quando seriam necessários US\$ 300 bilhões a US\$ 400 bilhões por ano.

A comparação é citada por Guilherme Karam, coordenador de negócios e biodiversidade da Fundação Grupo Boticário, organização pioneira em puxar a agenda das finanças sociais para as questões ambientais. “Nós não conseguiremos promover a conservação necessária apenas com recursos públicos e de filantropia. Será preciso acessar capital privado, por meio de negócios e investimentos socioambientais”, afirma. Há muito trabalho pela frente. Levantamento da Aspen Network Development Entrepreneurs (Ande) no biênio 2016-2017, feito com base em entrevistas autodeclaratórias, indica que menos de 1% do valor investido em negócios de impacto foi para a conservação da natureza.



OLAV A HRENS ROTNEUNSLASH

Soluções em escala

Negócios de impacto ganham identidade e lutam para superar barreiras no capitalismo em transformação

POR SÉRGIO ADEODATO

A palavra “impacto” possui múltiplos significados nos dicionários. Refere-se à colisão entre corpos, batida, pancada, encontrão. Pode aludir a choque emocional: abalo, comoção. Ou tem o sentido de repercussão, resultado, influência, efeito. São significados comuns do cotidiano; da vida em movimento. Hoje, adquirem novas cores ao inspirar modelos de negócios que prosperam por fazer o bem, com a lógica de unir ganho financeiro e impulso a soluções em produtos e serviços de demanda crescente face o quadro socioambiental do mundo.

Como algo novo, os chamados negócios de impacto estão no centro de um intenso debate, em diferentes frentes: capacidade empreendedora, acesso a investimentos e mercados, poder de fazer diferente. “O mundo corporativo e do capital, antes arredio a misturar lucro a causas sociais e ambientais, começa a mudar de visão”, ressalta Maure Pessanha, diretora executiva da aceleradora Artemisia, uma das instituições pioneiras no tema. Mas a trilha rumo ao paradigma de ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, mudar o mundo é tortuosa.

Não à toa, o exercício conceitual tem absorvido considerável energia na construção de consenso. Há diferentes linhas de pensamento em torno da relação entre lucro e resultados sociais que o capital proporciona.

Para Pessanha, no entanto, deve-se fugir de rótulos sobre o que é ou não é, sobre o que integra ou não o conceito, pois há lugar para diferentes visões. “Apenas de uma coisa não podemos abrir mão: o **→ impacto**.”

São negócios capazes de resolver problemas da educação escolar, explorar florestas sem destruí-las, melhorar moradias e, entre outras mazelas, combater a poluição. Do saneamento básico à agricultura e finanças pessoais, as demandas se diversificam. Em alguns casos, com expansão em alternativas de baixo custo; em outros, em tecnologias para melhor uso de recursos naturais, e ainda no aumento da renda de populações, combate à pobreza e redução de vulnerabilidade e desigualdade de gênero e **→ raça**.

Os desafios variam conforme o grau de **→ maturidade**. Ao longo dos estágios de vida, adquirir conhecimento em atividades de mentoria e aceleração é um processo que contribui para um desenvolvimento mais rápido do negócio. A intenção de impacto, no entender de Pessanha, é requisito indispensável. “Deve vir do íntimo do empreendedor, estar em conexão com a realidade a ser atacada e necessariamente vislumbrar mudança de *status quo*”, aconselha. Com um alerta: “Soluções mágicas podem criar um problema ao tentar resolver outro, e nem todas as demandas sociais são passíveis de se-

➤ O negócio deve voltar-se à baixa renda e ter missão explícita de causar impacto, potencial de escala, rentabilidade e distribuição ou não de dividendo, segundo entendimento da Artemisia, que apoiou 430 empreendimentos desde 2004

➤ Em Salvador, turismo étnico é o negócio da Diáspora.Black, rede de anfitriões e viajantes que valorizam a cultura afro. Presente em 15 países, a startup oferece roteiros e certifica hotéis

➤ Negócios de impacto abrangem diferentes etapas de desenvolvimento, da ideia nascente à tração e escala, quando a empresa já está estruturada para o mercado

Tecnologia verde e educação lideram *ranking*, mas há potencial para temas como clima e florestas

➡ **Apenas 20% dos negócios são liderados por mulheres, quadro que exige mais esforços para diversificação de gênero**

➡ **O setor de educação tem potencial de mercado de R\$ 60 bilhões ao ano no Brasil, em especial para cobrir a população de baixa renda, segundo estudo da Inspirare e Potencia Ventures, de 2013**

➡ **Um exemplo de *spin off* é a startup Pecs, do Mato Grosso, que surgiu para transformar em negócio o projeto do Instituto Centro de Vida com pecuária sustentável. Une maior produtividade e menor desmatamento na produção de carne**

rem endereçadas por modelos de negócio”.

“Hoje temos uma melhor compreensão do mercado sobre negócios de impacto, antes associados a atividades assistencialistas”, analisa Mariana Fonseca, cofundadora do Pipe Social, plataforma que lançou em março um ➔ [mapa](#) atualizado com o raio X do setor, como subsídio a novas estratégias ([acesse em pipe.social/mapa2019](#)). O resultado mostrou barreiras a vencer quanto à diversidade de capital, de perfil do empreendedor e de território (*mais no quadro à página ao lado*).

Do total mapeado, 46% dos negócios se encontram no setor de tecnologias verdes, 43% no de cidadania e 36% no de ➔ **educação**, os líderes do *ranking*. Há potencial de crescimento em temas como mudança climática e florestas, à medida que pesquisadores universitários trazem soluções inovadoras para o mercado e a sociedade. Além da academia, ONGs olham mais atentamente as questões de mercado, ligando comercialmente produtores a compradores ou criando ➔ *spin offs* na forma de negócios como estratégia de sustentação econômica e ampliação dos benefícios gerados.

EMPREENDER NA QUEBRADA

O mapeamento promove reflexões, como a aposta no protagonismo empreendedor da própria população mais vulnerável, o que favorece sinergia com as realidades locais e maior amplitude de ganhos socioambientais (*mais em Artigo à pág. 33*). Foi o caso da pernambucana Lilian Prado, que cresceu na zona rural de Glória do Goitá (PE), em meio à monocultura da cana-de-açúcar, assistindo ao êxodo de familiares para as capitais, enquanto ouvia na escola que o certo na vida é ter emprego em uma empresa. Até que enxergou um futuro diferente nas atividades de formação como agente de desenvolvimento local, junto a outros jovens. Alguns planejaram fazer horta orgânica; outros, bijuterias e artesanato. Apesar da disposição, não tinham experiência nem garantia para acessar empré-

timo. “Como começar, se ninguém acredita ou dá oportunidade”, perguntava-se a filha de mãe professora e pai lavrador que, com R\$ 10 mil doados por ONGs, criou um modelo de banco nada convencional – o Acreditar.

Hoje com um fundo de R\$ 650 mil, a iniciativa concede crédito a 400 jovens de cinco cidades por mês – principalmente mulheres, cujo incremento de renda pela via do próprio negócio tem favorecido maior autonomia e respeito. A inadimplência é inferior a 1%. “É preciso qualificação técnica e vontade de mudar”, atesta Prado. A consciência aumentou, completa, mas “ainda nos sentimos sozinhas no desafio que é da sociedade como um todo”.

O resultado social, nesse e em outros casos, é bem maior do que propriamente o econômico. “Estamos falando de transformações nas vidas, como a capacidade de lidar com conflitos em casa, impactos difíceis de medir em números”, afirma Edson Leite, sócio da Gastronomia Periférica, em São Paulo.

Após oficinas de *hip hop* e uma temporada de trabalho em restaurantes europeus, o chefe de cozinha decidiu voltar ao bairro em que nasceu, o Jardim São Luís, Zona Sul da capital paulista, para retribuir o que aprendeu. Começou com vídeos na internet ensinando a fazer refeições com o que se tem na geladeira, e depois, junto com a professora de gestão da diversidade Adélia Rodrigues, deu dois passos decisivos: criou um aplicativo de celular com o mapa dos estabelecimentos gastronômicos da periferia e transformou um bar local em restaurante-escola, frequentado gratuitamente por jovens de baixa renda em busca de oportunidades no mercado de trabalho. A receita financeira provém de consultorias e serviços de catering para eventos de empresas com a marca do apelo social. “A periferia em geral ainda não entendeu o grande potencial de consumo e venda que tem. Por falta de conhecimento, fica refém de fazer coxinha hoje para vender amanhã”, lamenta Leite.

INOVAÇÃO VERSUS “CUSTO BRASIL”

Os negócios de impacto, parte de um sistema maior, sofrem com barreiras que atrapalham o empreendedorismo como um todo, por conta da burocracia e outros aspectos do chamado “custo Brasil”. Em alguns setores,

como no de alimentos, o risco regulatório para levar produtos ao mercado é maior. “Dependemos da aprovação da vigilância sanitária para avançar nos planos, obstáculo que além de paciência exige investimento”, afirma Luiz Filipe Carvalho, fundador da Hakkuna,

DIVERSIDADE DE TERRITÓRIO A trajetória de desenvolvimento dos negócios de impacto muda conforme a região

De Norte a Sul, as peculiaridades locais – ambientais, sociais, econômicas e culturais – inspiram projetos capazes de interferir tanto no uso das florestas quanto no planejamento e modo de ser urbano, a exemplo de Recife, onde o ambiente de modernidade da tecnologia dá novas feições ao centro histórico na estratégia de revitalizá-lo. Entre prédios antigos, polo da economia e cultura no período colonial, o Porto Digital, atual fronteira da inovação no Nordeste, reúne estrutura com 318 empresas, além de quatro aceleradoras e duas incubadoras, com faturamento de R\$ 2 bilhões ao ano. São 100 mil metros quadrados de instalações, inclusive restaurantes e serviços às empresas de tecnologia, com meta de dobrar nos próximos cinco anos.

“É possível gerar negócios com esse perfil em qualquer canto do País, embora as principais instâncias decisórias de capital estejam longe”, atesta André Araújo, gerente de inovação do Porto Digital. O carro-chefe é a Tecnologia da Informação (TI), aplicada a games, por exemplo. Mas, segundo ele, de uns tempos para cá, o cenário na terra do frevo e do maracatu tem registrado maior presença dos empreendimentos de impacto, “reflexo do anseio por transformações sociais positivas entre jovens da geração dos millennials”.

A conexão urbana marca também a história da inovação em Florianópolis. Com mais de 1 mil empresas de tecnologia, a cidade se posiciona como lugar de boa qualidade de vida, não apenas pela beleza das praias da ilha, mas pelas oportunidades para quem pensa fora da caixinha. Dessa forma, atrai jovens e torna-se campo fértil ao empreendedorismo inovador em segmentos como agronegócio, energia, aviação, governo eletrônico e saúde – um movimento da economia urbana que se espalha por outros seis polos no interior. A ePHealth, da capital, desenvolveu aplicativo vendido a prefeituras para monitorar o trabalho dos agentes comunitários de saúde e melhorar o sistema de atenção às famílias em mais de 3 mil cidades.

“É latente o potencial para os negócios de impacto depois que o modelo passou a ser mais bem entendido”, afirma Marcos da Ré, diretor-executivo do Centro de Economia Verde da Fundação Certi. Em 2017, na sexta edição do programa Sinapse da Inovação, voltado a captar boas ideias para negócios, o interesse por iniciativas tecnológicas de impacto social positivo dobrou entre os 1,8 mil concorrentes.

Na Amazônia, a onda se propaga ao ritmo das demandas associadas à maior floresta tropical do planeta, chave no combate à mudança climática. “Concentrados no meio rural e não em áreas urbanas, como nas demais regiões brasileiras, os negócios de impacto afetam diretamente o uso da terra”, ressalta Mariano Cenamo, pesquisador sênior do Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (Idesam). Em Apuí (AM), a organização dá suporte ao cultivo orgânico de café, já vendido em São Paulo e Rio de Janeiro com o diferencial da origem na floresta. Consorciado com outros alimentos em sistema agroflorestal, o café reduz desmatamento, promove plantio de árvores e aumenta a renda da comunidade.

Empreender na floresta exige superar dificuldades de logística e acesso a mercado, além da carência de conhecimento e recursos. “Como a capacidade de retorno financeiro é menor, o grande atrativo está nos resultados sociais e ambientais”, enfatiza o pesquisador. O desafio mobiliza iniciativas como a Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA), criada com apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), para fomento a soluções, na percepção de que não se conseguirá conservar a floresta sem um novo modelo de economia. Dos 15 negócios selecionados no fim de 2018 pelo programa de aceleração da plataforma, quatro receberam investimentos de R\$ 1,1 milhão em competição inédita na região (*saiba mais em bit.ly/2HeH1zZ e bit.ly/2NX352B*).

Para especialista, é baixo o risco de o movimento por impacto se enfraquecer. "Não há mais volta"

➡ O mercado nacional de exames *in vitro* gira em torno de R\$ 29 bilhões ao ano, com previsão de dobrar até 2030

acelerada pela GrowBio, da Biominas Brasil.

A novidade está na produção de alimentos à base de grilos, a “proteína do futuro”, conforme anuncia a *startup*. São barras de proteína para prática de esportes, *snacks* e farinha com poderes de ampliar o acesso a melhor padrão nutricional. E, ao diversificar as fontes de alimentação, tem ainda o potencial de reduzir impactos negativos da demanda global por comida na perspectiva de uma população que deverá atingir 10 bilhões de pessoas em 2050. O empresário encontrou o filão nos Estados Unidos, onde barras de proteína com farelo de grilo estão liberadas para comercialização desde 2014. “Comecei a criação no fundo da república de estudantes na qual morava, produzindo granola caseira”, conta o empresário, na expectativa de agora captar investimentos para, enfim, chegar aos consumidores.

Inovar nos modelos de negócio e desenvolver tecnologias, tanto incrementais como disruptivas, permite ampliar a escala do impacto. Na área de mobilidade urbana, por exemplo, a *startup* Milênio Bus dedica-se à inteligência no transporte coletivo. Mais especificamente, tem avançado no sistema computacional que faz a contagem de passageiros por sensores. Via celular, o usuário consegue monitorar os ônibus que estão mais cheios ou vazios, e as empresas ganham na melhor gestão da frota.

“Além do conforto, buscamos qualidade e segurança, com impactos indiretos na área ambiental e na redução de custos, pois o veículo lotado tem menor vida útil e emite mais poluentes”, explica Fábien Oliveira, um dos três engenheiros que juntaram *expertises* para lançar o negócio.

A corrida tecnológica começou em março de 2017, quando o grupo desenvolveu o protótipo durante um *hackathon* (maratona de programação) da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo. Posteriormente, o destaque no HackBrazil, competição realizada nos EUA pela Universidade de Harvard e pelo Instituto de Tecnologia de Massa-

chusetts (MIT), rendeu prêmio de US\$ 50 mil, investido na inovação.

As portas se abriram para a incubação no MobiLab, da prefeitura de São Paulo. “A meta é atingir efetividade de 95% na previsão de lotação e então oferecer às empresas para a gestão de frota”, revela Oliveira. Até agora, chegou-se a 90%. Com um detalhe importante: o preço, 10% do praticado pela única concorrente, a alemã Wolpac.

Na área da saúde, além de impactar positivamente a qualidade de vida, a redução de custos pode, não raro, salvá-la. “Podemos tornar os exames de análise clínica e patológica 50% mais baratos”, revela Paulo Melo, um dos criadores da Pickcells. Com investimentos de R\$ 1,5 milhão, a *startup* de Recife desenvolveu equipamento que fotografa a amostra e manda para bancos de dados em nuvem para que algoritmos possam identificar em tempo real o parasita de verminoses comuns em áreas de baixo saneamento.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, um diagnóstico preciso e rápido é o primeiro passo para o tratamento de doenças que causam muitas mortes no mundo.

Enquanto aguarda permissão para uso nos ➔ **laboratórios médicos**, a tecnologia brasileira se expande no mapeamento da dengue pela identificação de ovos dos mosquitos, em Pernambuco. Em aldeias no Malauí, na África, a empresa integra um programa internacional de saúde infantil, liderado pela ONU, em que realiza testes com tecnologia de reconhecimento facial para identificar sinais de dor e doenças.

“Nos dias atuais não faz sentido falar em inovação que mira somente acúmulo de capital sem entregar ganho ambiental e social”, reforça Paulo Branco, vice-coordenador do Centro de Estudos em Sustentabilidade, da Fundação Getúlio Vargas. Com uma ressalva: “É uma armadilha colocar toda a ênfase no impacto positivo, quando ainda há grande necessidade de mitigação dos negativos,

e não podemos desviar nossas atenções disso. Precisamos de negócios adaptados a uma nova economia que caminha dentro dos limites planetários e entrega redução de desigualdades, mas isso depende de modelos mentais e visões de mundo”, explica Branco. Ele enfatiza que a transição é lenta. Ainda não estamos em um mundo novo. “Mal demos conta tempos atrás dos desafios da ‘responsabilidade social corporativa’, depois ampliados para o conceito de sustentabilidade, que agora cede espaço na cena ao *glamour* dos negócios de impacto”, aponta.

Na visão de Valéria Barros, especialista em inovação do Sebrae, é baixo o risco de o atual movimento enfraquecer como algo efêmero. “Não há mais volta”, diz, porque o mundo busca ir além do lucro e atingir escala de soluções. Para ela, é estratégico diferenciar e fomentar empreendedores de impacto, “com olhar nas camadas de menor renda da população”. No mantra do setor, a paixão deve estar no problema, e não na solução – ou seja, o olhar desses novos negócios se dirige a algo muito bem conhecido pela maioria dos seres humanos: a dor e a vontade de superação. ¹²²

A EXPECTATIVA DE VIVER MELHOR Negócio social facilita reforma de moradias na periferia

Na principal rua que cruza o Jardim Ibirapuera, bairro da periferia na Zona Sul de São Paulo, uma pequena loja – estilosa, mas simples como as vizinhas – é parte de um empreendimento citado em palestras e entrevistas como emblemático no campo dos negócios de impacto. O *showroom* vende sonhos que cabem no bolso de clientes de baixa renda: pias e bancadas para banheiro, tintas, revestimento para piso, armários de cozinha e outros produtos indicativos do problema que se pretende resolver, o da qualidade da habitação popular. “O diferencial está no pacote de soluções que, além de materiais, inclui arquitetura, mão de obra e financiamento”, explica Fernando Assad, sócio do Programa Vivenda.

Após experiência de trabalho em projetos de urbanização da prefeitura, em que as melhorias nas favelas ocorrem das portas das casas para fora, Assad cultivou a ideia de olhar para dentro e transformar a demanda por reforma em negócio. Em 2011, na fase de conceito e validação do modelo, logo se constatou a necessidade de estruturar o mercado para oferecer algo mais e assim evitar a frustração de obras inacabadas. “Precisávamos ser construtora, varejo e banco para financiamento ao consumidor”, diz o empresário, que aproveitou o mestrado da Fundação Getúlio Vargas como oportunidade para inovar.

Depois do primeiro impulso, via apoio da Artemisia, o segundo momento de aceleração, em parceria com a Din4mo e o grupo Gaia, inspirou uma nova alternativa de crédito: a primeira debênture de impacto social do País, que captou recursos com investidores de diferentes perfis – filantrópico e focado em retorno – no total de R\$ 5 milhões, para realizar 8 mil reformas em cinco anos. No mecanismo, os investidores têm remuneração de 7% ao ano. Se, depois de cinco anos, o retorno for maior que o esperado devido à baixa inadimplência, o excedente será dividido entre prêmio aos investidores (30%) e doação de reformas a famílias que não podem pagar (70%). “O plano é replicar o conceito no mercado financeiro”, revela Assad.

O negócio já realizou mais de 1,2 mil reformas na região e captou R\$ 1,2 milhão em investimentos por meio de uma plataforma de *crowdequity*. A meta é expandir o impacto positivo por meio de cinco novas lojas em diferentes bairros da periferia, até 2020, prosperando ao ritmo do anseio por viver melhor, tendo como pano de fundo a busca por melhorias nos índices habitacionais. O Brasil tem déficit habitacional de 6 milhões de moradias, mas existem pelo menos 25 milhões de casas em condições inadequadas, atingindo mais da metade da população brasileira.

Da impermeabilização à abertura de janelas e construção de cozinhas dignas, o serviço induz melhorias de vida, como melhor rendimento escolar e convívio familiar. “Já reformei para abrir espaço na casa aos meus dois filhos que dormiam no chão e agora quero colocar piso no banheiro para levantar o astral e receber visitas sem passar vergonha”, conta a babá Vanda Rodrigues, moradora do Jardim da Felicidade, ao buscar auxílio na loja.

Como diversificar os recursos

Novas modalidades de investimento de impacto se expandem no ritmo das demandas por mudanças socioambientais

POR SÉRGIO ADEODATO

A democratização das fontes de recursos, com viés coletivo e opções mais acessíveis que combinam diferentes perfis de capital, é vista como um dos principais desafios do atual momento de expansão dos negócios de impacto. Em 2014, os financiadores do setor resumiam-se, basicamente, a três fundos de investimento, que em geral aplicam valores acima de R\$ 1 milhão, em poucas operações. Nos últimos anos, têm surgido novos perfis de atores que aportam capital em soluções de impacto: institutos e fundações, investidores anjos, *family offices*, corporações, aceleradoras, organismos multilaterais. “Essa proliferação é importante para garantir maior diversidade entre investimentos, empréstimos ou doações”, explica Diogo Quitério, coordenador de programas do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE).

Em sua análise, “isso é essencial para cobrir empreendimentos que estão em estágios diferentes do ciclo de vida, além da possibilidade de agregar apoios adicionais, como gestão, contatos e mentoria (*smart money*)”. Uma discussão global tem sido a expansão da possibilidade de indivíduos de renda média ou menos conectados à agenda de impacto também aportarem capital no segmento. Nesse sentido, plataformas digitais de investimento coletivo ganham crescente espaço, somadas aos demais instrumentos financeiros mais utilizados neste mercado.

“O *crowdfunding* rompeu estigmas e já não é mais uma mera vaquinha virtual”, analisa Frederico Rizzo, fundador da Kria, plataforma na qual pequenos investidores tornam-se sócios

de empresas inovadoras, em especial as que geram escala de ganhos sociais e ambientais, a partir de R\$ 500 de aporte. No total, a iniciativa acumula R\$ 28,7 milhões investidos on-line.

Investir em melhores condições de vida é um propósito que pega carona no movimento de caçar unicórnios, ou seja, aplicar recursos de alto risco em *startups* nascentes na perspectiva de que atinjam valor de mercado de mais de US\$ 1 bilhão. Com uma diferença: o que antes estava restrito a uma pequena fatia de investidores mais ricos hoje se dissemina como alternativa para quem almeja apostar – inclusive com valores menores – em negócios bons para o planeta. “Pode-se conectar mais pessoas a diferentes causas, sendo assim também ferramenta de engajamento”, ressalta Rizzo.

Segundo mapeamento divulgado em 2019 pela Pipe Social, 64% dos negócios de impacto estão captando até R\$ 500 mil. A diversificação de modalidades financeiras pode diminuir o gargalo financeiro da fase inicial das soluções – de maior risco, porque as ideias ainda engatinham. Por isso também são carentes de capital, principalmente de menor porte, na medida certa para decolar. O abismo reflete-se no mercado como um todo: se a atividade no estágio de “semente” diminuir, dizem os analistas, o *pipeline* (portfólio) dos investimentos nas fases mais adiantadas de crescimento também declina com o tempo.

“São necessários mecanismos capazes de alinhar expectativas e promover o encontro entre investidores e empreendedores”, afirma Leonardo Letelier, CEO da Sitawi, que em 2017 começou a operar empréstimos coleti-

vos, com ênfase na área → **socioambiental**.

No mundo do investimento de impacto, nem sempre retorno financeiro e efeitos sociais positivos ocorrem na mesma proporção. O tema da distribuição dos ganhos e dos riscos é recorrente. “Ao se privilegiar o lucro, as oportunidades de impacto podem não aparecer”, adverte Letelier, para quem as alternativas devem abranger doações, investimentos de capital e empréstimos para ONGs e empresas. De acordo com o → **Global Impact Investing Network (GIIN)**, o conceito desses negócios abrange tanto retorno financeiro como intenção de impacto social e ambiental, positivo e mensurável, podendo ocorrer em mercados emergentes ou desenvolvidos.

ENGAJAMENTO DO TOPO DA PIRÂMIDE

Agricultura sustentável, energia renovável, conservação, microfinanças e serviços básicos como habitação, saúde e educação estão no alvo de famílias de alta renda que procuram conexão com investimentos que façam diferença na sociedade. “É um trabalho passo a passo para o entendimento de que estamos falando de negócios e não de Terceiro Setor”, revela Luiza Camargo Nascimento, dedicada a disseminar a ideia de que o sentido dos negócios não se limita ao lucro.

O objetivo foi ir além da filantropia. Após leituras e contato com o novo pensamento que emergia, a investidora integrou uma iniciativa que beneficiou o Banco Pérola, voltado a microcrédito para atividades produtivas, em Sorocaba (SP). “Precisamos cultivar lideranças dispostas a assumir o processo de mudança de visão em cada família”, recomenda Nascimento, cuja experiência tomou impulso ao se tornar associada do ICE, em 2011, no projeto de fortalecer os atores do ecossistema no qual já trafega-

va. Posteriormente, desenvolveu portfólio hoje direcionado à educação e moradia, gerido pelo escritório da família, a Acadia Investimentos.

“Criar responsabilidade sobre nosso patrimônio, sabendo a quais atividades está associado, é importante: daqui a um tempo, quem não contribuir socialmente não terá êxito no mercado”, justifica o empresário Rodrigo Pipponzi. Novos conceitos vieram à tona ao mostrar à família a possibilidade de investir melhor – tarefa de certa maneira facilitada porque ele próprio opera um negócio com pegada social, a Editora Mol, que produz publicações para redes varejistas e repassa parte do valor como doação a organizações.

Posteriormente, Pipponzi começou a financiar *startups* voltadas a soluções de impacto social e ambiental. “Não estou dando apenas dinheiro, mas mentoria e acesso a redes”, explica. Além de apoiar o negócio social da VerBem, de São Paulo, que visa mudar a realidade de milhões de pessoas sem dinheiro para comprar óculos, o investidor aposta nos objetivos da → **Sumá**, cujo trabalho conecta pequenos agricultores diretamente ao mercado em Santa Catarina.

Dessa forma, o papel dos *family offices* desponta no campo dos negócios de impacto, com engajamento, novas reflexões e aprendizados, a exemplo do que vem sendo percebido no âmbito da iniciativa FORImpact, conduzida pelo ICE (*leia mais à pág. 18*).

No entanto, a expansão depende de questões conjunturais: “a falta de clareza tributária, que aumenta riscos, tem sido um impeditivo”, aponta Flavia Regina de Souza Oliveira, sócia do escritório de advocacia Mattos Filho. “É preciso olhar para as oportunidades de um jeito que atenda a legislação e, ao mesmo tempo, a expectativa de resultados socioambientais”, recomenda.



Um dos investimentos, de R\$ 200 mil, contemplou a Manioca, startup que leva ingredientes da Amazônia ao mercado de alimentos, gerando desenvolvimento sustentável na região

Amit Bouri, presidente do GIIN, tem pedido senso de urgência aos investidores no sentido de alinhar capital novo à agenda dos ODS, em função dos riscos da inação à economia e à vida das pessoas

A Sumá permite que os compradores de alimento elaborem seus cardápios de acordo com os planos de produção locais e em sintonia com a sazonalidade dos produtos

➡ A meta da ASID é impactar 10 milhões de pessoas até 2025, com empoderamento das famílias e inclusão no mercado de trabalho

➡ A Eureciclo certifica a logística reversa de embalagens junto a empresas que investem em cooperativas de reciclagem para a coleta dos materiais como comprovação do cumprimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos

➡ A Peabiru beneficia 120 famílias rurais em 20 comunidades, além do serviço de polinização da agrofloresta e redução do desmatamento

LIMITES DO LUCRO

“Novas alternativas são testadas considerando o social não apenas por meio da doação e do alto retorno financeiro”, afirma Fernando Simões Filho, sócio da Bemtevi, cujas operações se baseiam na troca de juros por impacto. Na modalidade, o valor pago de volta pelo empreendedor diminui conforme a entrega dos efeitos sociais contratados, diferente do modelo tradicional de *venture capital*. Entre as iniciativas beneficiadas, está a ➔ **ASID**, de Curitiba, que em um ano dobrou o faturamento prestando serviços a empresas e instituições no campo da inclusão social de pessoas com deficiência.

“No meio rural, o abismo entre oferta e demanda por investimento é gigantesco”, avalia Valmir Ortega, diretor-executivo da Conexus, rede criada para interligar negócios de base comunitária a investidores que buscam oportunidades de impacto. Dos 3 mil mapeados no Brasil, 300 receberão capacitação e os 70 mais maduros serão preparados para o mercado. Parte expressiva deles na Amazônia, onde a ➔ **Peabiru Produtos da Floresta** recebeu investimento para expandir a produção de mel de abelhas nativas sem ferrão.

PARA QUEM ESTÁ MADURO

No caso de investimentos entre R\$ 1 milhão e R\$ 3 milhões em negócios já na rua, com caixa em crescimento, “a atenção está no alcance de escala do impacto, na rapidez das decisões e capacidade executiva do empreendedor, na menor vulnerabilidade em relação à concorrência e no retorno financeiro maior do que os investimentos”, explica Andrea Oliveira, cofundadora da Positive Ventures, gestora de fundos de capital que investiu R\$ 1,2 milhão na ➔ **Eureciclo**, que leva inovação à gestão de resíduos. Após um ano e meio, o negócio, hoje com 835 clientes, já proporcionou retorno cinco vezes superior ao valor inicialmente investido.

Diante do êxito, formou-se um comitê de investidores reunindo *know-how* para abrir novas portas. O resultado será o lançamento de um novo fundo de impacto, com registro na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que alocará maior volume de recursos à Eureciclo.

A convicção é de que negócios com ambição de resolver desafios globais, como a questão do lixo urbano, “ganharão escala ao demonstrar capacidade de atrair capital privado”, conclui Oliveira. 

ADRIANA BARBOSA

Empreendedora e fundadora da Feira Preta. Foi considerada pelo Most Influential People of African Descent uma das 100 pessoas afrodescendentes (e com menos de 40 anos) mais influentes do planeta

artigo



Da base para a base

Empreendedorismo negro e de periferia promove cidadania ao unir os resultados financeiros à geração de benefícios para as suas comunidades

Por um longo período de tempo, empreendedores negros e de periferia iniciavam seus negócios majoritariamente por necessidade. Onde isso começa? Na libertação dos escravos há 130 anos, quando uma abolição inacabada não incluiu qualquer tipo de reparação social e apoio na transição para a sonhada liberdade.

Esse ponto de partida traz muitos desafios sociais e econômicos que continuam a impactar a comunidade negra e periférica no Brasil. A pesquisa *A Voz e a Vez – Diversidade no Mercado de Consumo e Empreendedorismo*, estudo inédito encomendado ao Instituto Locomotiva pelo Instituto Feira Preta, com apoio do Itaú, revelou o perfil dos empreendedores negros no País: 29% dos que trabalham têm o seu próprio negócio, totalizando 14 milhões de empreendedores que movimentam, aproximadamente, R\$ 359 bilhões em renda por ano. No entanto, 82% dos empreendedores negros não têm CNPJ (frente a 60% dos empreendedores não negros) e 57% deles acreditam que pessoas negras sofrem preconceito quando tentam abrir seu próprio negócio no Brasil.

Esses indicadores trazem um retrato de escassez do ponto de vista de oportunidades para todos, mas também é preciso celebrar a abundância das transformações nos últimos 20 anos.

Em meados dos anos 1990, a pauta do empreendedorismo negro tornou-se relevante e começou a tomar forma, à medida que as lideranças negras apontaram o poder de consumo dessa imensa parte da população no Brasil, pouco atendida pelas empresas. Com isso, nasceu a discussão em torno de empreendedores da base da pirâmide que oferecessem produtos e serviços à população negra e de periferia.

Muita gente ainda acredita que as pessoas da periferia não têm poder aquisitivo para comprar determinados produtos.



Mas, segundo pesquisa *A Voz e a Vez*, os negros do País já movimentam anualmente R\$ 1,7 trilhão em renda própria. Quase 18 milhões de empreendedores das classes C, D e E movimentam mais de R\$ 228 bilhões de consumo por ano. Cerca de 168 milhões de pessoas integram as camadas com faixas de renda mais baixas, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O maior fenômeno nesse contexto é que o público negro pesquisado em *A Voz e a Vez*, em sua maioria formado por jovens, não sonha mais com empregabilidade ou carteira assinada, mas em ter o próprio negócio e fazê-lo prosperar.

Os empreendedores negros e da periferia desafiam cotidianamente as barreiras da exclusão para inovar e crescer. Têm promovido a cidadania ao resolverem problemas de exclusão social e racial, ao unir os resultados financeiros à geração de benefícios para as suas comunidades e territórios carentes de serviços básicos, mas abundantes de oportunidades para novos negócios criativos

e inovadores liderados pelo B2B: da base da pirâmide para a base.

REINVENÇÃO PESSOAL

O empreendedorismo alavancou minha própria história de reinvenção. Cresci em um ambiente escasso de recursos financeiros, mas extremamente abundante na criatividade e no afeto. Venho de uma família liderada por mulheres negras, fui educada por um trio ancestral: bisavó, avó e mãe. O matriarcado define o que sou. Lembro ainda hoje das soluções inventivas de minha bisavó, que abria nossa dispensa, pegava o que tinha disponível, cozinhava e colocava para vender. O legado dessa herança feminina foi um estilo de vida bastante empreendedor.

Apreendi a me virar vendendo peças de roupas usadas nas ruas de São Paulo e, com pouco mais de 20 anos de idade, criei a Plataforma Feira Preta. Trata-se de um negócio de impacto social que fortalece artistas e empreendedores negros por meio de um processo sistêmico que possibilita o *match* entre quem produz e quem consome, com serviços e produtos voltados para atender as especificidades da população negra.

A Feira Preta já mobilizou mais de 200 mil visitantes ao longo de suas 17 edições e mais de 300 empreendimentos passaram durante as imersões do Afrolab, um laboratório itinerante pra lá de criativo de pré-aceleração para afroempreendedores, que dá suporte em criação, produção, distribuição e consumo. Além de São Paulo, o programa já passou por Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Maceió, Recife e São Luís. E mais de R\$ 5 milhões já foram movimentados entre os empreendedores e consumidores.

Assim como na minha trajetória e na de minha bisavó semianalfabeta, a história se repete, em renovados cenários, para driblar a escassez e criar estratégias de abundância – este, sim, o nosso real talento.

O DESAFIO DA MENSURAÇÃO

Uma premissa dos investimentos é medir os seus efeitos para a sociedade. De um lado, o investidor quer saber se o dinheiro está entregando o que se propõe. De outro, o empreendedor esbarra em dificuldade técnica e financeira para dar respostas. Nem sempre existem variáveis de qualidade de vida de fácil medição, situação que muitas vezes impede comparar o antes com o depois como manda a regra, por meio de grupo de controle. “No fim do dia, trata-se de algo complexo, caro e demorado, fora da realidade das *startups*”, analisa Haroldo Torres, um dos fundadores da Din4mo.

A solução, segundo ele, passa pelo uso de plataformas digitais de menor custo e auxílio para se criar indicadores e construir uma cultura de avaliação. “Além de procedimentos para captar dados regularmente, é legítimo trazer vivências, histórias de vida e outras informações qualitativas que retratam o impacto”, diz o empresário, ao lembrar que “não bastam apresentações cheias de criancinhas sorridentes”.

A discussão em torno da mensuração pode, enfim, fortalecer empreendedores e investidores, mas há o dilema de como financiá-la em maior escala. A Fundação Bill e Melinda Gates, por exemplo, decidiu separar 10% do investimento para a avaliação com metodologia científica. “Há relatos de que organizações evoluídas no tema são mais capacitadas a captar recursos e, se isso for comprovado, teremos mais empresas interessadas na prática”, conclui Torres. Daniel Brandão, da Move Social, concorda: “A pressão por resultados aumenta, mas a forma de medi-los não é um consenso”. Ele explica que o conceito da avaliação é antigo; provém da escola americana no campo da filantropia, mas hoje precisa de um novo olhar. “O intercâmbio de *expertises* é chave para chegarmos a fórmulas mais flexíveis, conforme os diferentes estágios de desenvolvimento do negócio.”

PARA EMPREENDEDORES

Impacto garantido

O Modelo C, uma nova abordagem utilizada para comprovar a consistência dos negócios de impacto social, surgiu da integração de duas ferramentas que vêm sendo usadas até o momento, o *Business Model Canvas* e a Teoria de Mudança. Segundo guia de apresentação, disponível para download em www.cmodel.co, a nova metodologia valoriza e se nutre das duas anteriores, com o propósito de contribuir para amadurecer os negócios de impacto em sua capacidade de transformação da sociedade. O Modelo C pode ser usado em qualquer fase do negócio, da ideia até a escala. Seu objetivo é auxiliar os empreendedores a desenhar sua lógica de impacto associada ao modelo de negócio.

PARA ACADÊMICOS

Docência, pesquisa e extensão

O site da Rede de Professores do Programa Academia ICE é um espaço aberto a professores de instituições de ensino superior onde é possível encontrar ementas de cursos, artigos, vídeos, apresentações e acervo bibliográfico ligados ao tema dos investimentos e negócios de impacto. A iniciativa partiu de um grupo de professores que começou a se reunir em 2013, a convite do Instituto de Cidadania Empresarial, com o objetivo produzir e disseminar conhecimento sobre negócios de impacto e finanças sociais. A Rede reúne atualmente mais de 80 docentes de todo o País. Saiba mais em ice.org.br/blog-2019.

PARA GESTORES PÚBLICOS E EMPRESÁRIOS

Conexões poderosas

Faz parte da missão da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto atrair também governos. O guia *Gestores Municipais Compram Soluções de Negócios de Impacto* ([acesse em bit.ly/2Uhb6Wz](http://bit.ly/2Uhb6Wz)) apresenta o conceito para gestores inovadores e sua conexão com eficiência e aperfeiçoamento de políticas públicas. A Aliança sugere haver espaço também para fortalecer a cadeia de impacto das grandes empresas como forma de gerar e proteger valor. Segundo o manual *Oportunidades para Grandes Empresas* (bit.ly/2K8JYE0), existem três motivações para conectar empresas ao campo dos investimentos e negócios de impacto: revisar ou fortalecer propósito; endereçar desafios internos e externos da operação; e estar atento às inovações.



SHANE ALBUQUERQUE/UNSPASH

PARA INVESTIDORES

Alternativas com impacto

A Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto lançou, no início de 2019, uma publicação que mapeia alternativas para investidores interessados em produtos financeiros de impacto social ([acesse em bit.ly/2uVyx5f](http://bit.ly/2uVyx5f)). O trabalho, realizado com apoio do ICE e da consultoria Impactix, apresenta um panorama das oportunidades para alocação de capital para impacto, considerando: produtos financeiros, como fundos de *venture capital* e títulos de renda fixa; veículos para investimento direto, como as plataformas de financiamento coletivo; redes que identificam negócios para eventual investimento direto; e distribuidores de produtos financeiros de impacto de terceiros.

VOCÊ JÁ FALOU DE SUSTENTABILIDADE HOJE?



Se você tem interesse em associar a sua organização a um conteúdo de alta qualidade sobre temas estratégicos da sustentabilidade, entre em contato com a gente. Desenvolvemos projetos especiais sob medida para você.

Para mais informações: www.pagina22.com.br/comercial

22

Página

PRÊMIO ACADEMIA ICE. PRÊMIO PARA VOCÊ, RECONHECIMENTO PELO SEU TRABALHO.

O Prêmio Academia ICE reconhece os trabalhos sobre **Investimentos e Negócios de Impacto** de estudantes de graduação e pós-graduação, de qualquer curso ou instituição de ensino superior do Brasil. Os vencedores e seus professores orientadores recebem até R\$ 8 mil para uso em sua formação.

Não deixe seu trabalho de fora.

Regulamento e inscrições:

premioice.org.br



Apoio:

